UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

# MAPEAMENTO DOS SINAIS DE LIBRAS DOS BAIRROS DE PORTO VELHO

PORTO VELHO - 2022

**DANILO RAMOS DA ROCHA**

# MAPEAMENTO DOS SINAIS DE LIBRAS DOS BAIRROS DE PORTO VELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGL), na linha de pesquisa de estudos da diversidade cultural, Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientador: Prof. Dr**. João Carlos Gomes

**Porto Velho - 2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

R672m Rocha, Danilo Ramos da.

Mapeamento dos sinais de Libras dos bairros em Porto Velho: a produção de dados da pesquisa / Danilo Ramos da Rocha. -- Porto Velho, RO, 2021.

85 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD João Carlos Gomes

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.LIBRAS. 2.Estudos Culturais. 3.Etnografia. I. Gomes, João Carlos. II. Título.

CDU 81:376.33(811.1)

Bibliotecário(a) Renata Cortinhas Bulhões CRB 11/1010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

**DANILO RAMOS DA ROCHA**

***MAPEAMENTO DOS SINAIS DE LIBRAS DOS BAIRROS EM PORTO VELHO***

Dissertação apresentada em 09 de novembro de 2021 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. JOÃO CARLOS GOMES
Presidente da Banca e Orientador (PPGML/UNIR)

Prof. Dr. JÚLIO CÉSAR BARRETO ROCHA
Membro interno (UNIR)

Prof. Dr. PAULO EDUARDO BENITES DE MORAES
Externo ao Programa (UNIR)

Porto Velho – RO
2021

Documento assinado eletronicamente por **JOAO CARLOS GOMES**, **Docente**, em 08/03/2022, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **PAULO EDUARDO BENITES DE MORAES**, **Docente**, em 08/03/2022, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **JULIO CESAR BARRETO ROCHA**, **Presidente da Comissão**, em 08/03/2022, às 12:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0900144** e o código CRC **AB0457A4**.

**Referência:** Processo nº 23118.007540/2021-35 SEI nº 0900144

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato, primeiro, a Deus pela vida e por ser quem eu sou: sujeito surdo portovelhense.

Agradeço à minha família por tudo! Em especial, minha querida e amada mãe Marlene Pereira Ramos, por seu amor e dedicação incondicional a mim e ao meu filho amado Davi Luiz Ramos Lima.

Agradeço a toda a comunidade surda de Porto Velho, porque, sem eles, eu não estaria aqui, e, sem eles, não haveria este trabalho. Em especial, os surdos: Indira, Arine, Maria Gomes, Lucas, Uillian, Bruno Ualace, Marilia Gabriela, Meriane, Diego, Joana, Rafaela, Adison, Kleber, Carol, Franco, Ricardo, Reijano, Thiago, Lucivana, Beatriz, Beatriz Brasil, Marcia, Matheus, Adriele, Julia, Kisy, Paula, Emanuel, Dalvan, Anderson, Felipe, Alysson, Leisson, Pablo, Juliana, Osvaldo e outros. “Nada sobre nós, sem Nós”.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Dr. João Carlos Gomes, por ter aceitado o desafio de orientar sujeitos surdos no mestrado, e por te me aceitado. Agradeço o tempo, a compreensão, a paciência, o incentivo e o trabalho que sempre teve comigo nesta caminhada do mestrado; minha gratidão é imensa.

Agradeço a todos os profissionais tradutores e intérpretes de Libras que atuaram no mestrado e a todos os intérpretes de Porto Velho - RO que passaram por minha vida escolar/acadêmica; sem vocês, este sonho não seria possível: Adelina, Mauzira, Clefer, Lindalva, Marcus Loureiro, Neide Alexandre, Elielza, Júlia, Carmelita, Alexandra, Jacó, Guilherme, Fernanda, William, Jamilly, Luciana, Miguel, Marcos e outros.

Agradeço, em especial, à tradutora intérprete e minha amiga Edneia Bento, pela grande força na parte final do meu trabalho, sempre disponível quando precisei e me ajudando nas traduções.

Agradeço o incentivo e grande ajuda ao amigo e professor Amauri Moret, que foi muito importante para esta conquista de ter entrado no mestrado.

Agradeço à Universidade Federal de Rondônia por permitir e propiciar o acesso dos surdos à Universidade, na graduação e em seus mestrados, em especial, o Programa de Mestrado em Letras. Gratidão a todos os professores

do mestrado, por terem me oportunizado novos horizontes, olhares e conhecimentos.

Agradeço à minha professora e amiga Ariana Boaventura e seu esposo Joesér Alvarez pela grande ajuda, pelas muitas vezes que acreditaram em mim, sempre me incentivando a não desanimar, a não desistir, me motivando nos momentos mais difíceis, pois, na verdade, tive muitos. Agradeço também pelas traduções, interpretações, correções de textos que precisei no momento da escrita, e vocês sempre estiveram lá me ajudando e apoiando.

*Não se pode dizer que as identidades são puras, prontas, homogêneas, não se pode dizer que uma identidade pertence apenas a uma cultura. Importa dizer da complexidade das identidades. Importa dizer que não existe uma identidade sem situá-la em sua territorialidade cultural, no sentido, um contexto (PERLIN, 2020, p. 173).*

## RESUMO

Há muitos termos técnicos e palavras que não possuem sinais, dessa forma, os intérpretes, e até mesmo os docentes surdos recorrem à soletração manual, tomando como empréstimo a língua portuguesa, a qual, por vezes, se torna incompreensível. A presente pesquisa tem como objetivo registrar uma bacia semântica de sinais-termos de Libras para os bairros de Porto Velho, com base na cultura e identidade da comunidade surda. Como metodologia, pretendi realizar um estudo pós-crítico de caráter etnográfico visando à identificação dos sinais-termos, com base no direito à diversidade cultural por intermédio da Língua Brasileira de Sinais. Assim, este estudo pretende mergulhar nos limites e possibilidades do desenvolvimento linguístico e cultural dos sujeitos surdos de Porto Velho, no intuito de mapear sinais-termos dos nomes de bairros que não encontram correspondente na cultura visual. Assim, acredito que o presente projeto de pesquisa irá se constituir dentro do ambiente de ensino-aprendizagem dos surdos na Educação Superior, um espaço pedagógico que sempre teve predominância da cultura ouvinte, criando historicamente um estereótipo de incapacidade e deficiência para o surdo. De outra forma, o presente estudo intenta revelar que os surdos têm uma cultura e identidade diferenciada.



**Palavras-chave:** Libras. Estudos Culturais. Etnografia

## ABSTRACT

There are many technical terms and words that do not have signs, so interpreters, and even deaf teachers, resort to manual spelling, borrowing the Portuguese language (LP), which sometimes becomes incomprehensible. The present study and research aims to register a semantic basin of sign-terms of Libras for the neighborhoods of Porto Velho, based on the culture and identity of the deaf community. As a methodology, I intended to carry out a post-critical study of an ethnographic character, aiming at the identification of the signs-terms, based on the right to cultural diversity based on the Brazilian Sign Language. In this sense, this study intends to delve into the limits and possibilities of the linguistic and cultural development of deaf people in Porto Velho, in order to map signs-terms of the names of neighborhoods that have no corresponding within the visual culture. Thus, I believe that the present research project will be constituted within the teaching and learning environment of the deaf in higher education, a pedagogical space that has always been predominant in the hearing culture, historically creating a stereotype of incapacity and disability for the deaf. Otherwise, the present study intends to reveal that the deaf have a different culture and identity.



**Keywords**: Signs terms. Pounds. Cultural Studies

## IMAGENS DAS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS EM LINGUA DE SINAIS

**Imagens 1, 2** - Configurações do nome do bairro 4 de Janeiro
**Imagens 3, 4** - Configurações do nome do bairro 4 de Janeiro
**Imagem 5** - Configuração do nome do bairro Aeroclube
**Imagens 6, 7** - Configurações do nome do bairro Aeroclube
**Imagens 8, 9** - Configurações do nome do bairro Caiari
**Imagens 10, 11** - Configurações do nome do bairro Caiari
***Imagem 12*** - Configuração do nome do bairro Caladinho
**Imagens 13, 14** - Configurações do nome do bairro Centro
**Imagem 15** - Configuração do nome do bairro Centro
**Imagem 16** - Configuração do nome do bairro Centro
**Imagem 17** - Configuração do nome do bairro Tancredo Neves
**Imagem 18** - Configuração do nome do bairro Tancredo Neves
**Imagens 19, 20, 21** - Configurações do nome do bairro Triângulo
**Imagem 22** - Configuração do nome do bairro Triângulo
**Imagem 23 -** Configuração do nome do bairro Triângulo
**Imagem 24, 25** - Configurações do nome do bairro Areal
**Imagens 26, 27** - Configurações do nome do bairro Areal

# LISTA DE ABREVIATURAS

**AEE** - Atendimento Educacional Especializado

**APPIS-RO** - Associação de Parentes, Professores, Amigos e Intérpretes dos Surdos de Rondônia

**ASPVH** - Associação dos Surdos de Porto Velho

**CELUC** - Centro Educacional Luterano Cristo

**CENE** - Escola Estadual de Ensino Especial Professor Abnael Machado de Lima

**DA** - Deficiente Auditivo

**FENEIS** - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

**GPEI** - Grupo Pesquisador em Educação Intercultural

**ILS** - Intérprete de Língua de Sinais

**INES** - Instituto Nacional de Educação de Surdos

**LBS** - Língua Brasileira de Sinais

**LP** - Língua Portuguesa

**LS** - Língua de Sinais

**PT** - Partido dos Trabalhadores

**SEDUC-RO** - Secretaria de Educação do Estado de Rondônia

**SO** - Sujeito - Objeto

**SVO** - Sujeito - Verbo - Objeto

**TILSP** - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Português

**UNIP** - Universidade Paulista

**UNIR** - Universidade Federal de Rondônia

**UNIR Azul** - Programa com ações acadêmicas voltadas para a acessibilidade do surdo na Universidade

**VO -** Verbo - Objeto

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** **1**
**SEÇÃO I - A MINHA ETNOGRAFIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO** **9**
**1.1 A minha identidade no contexto amazônico** ..... 10
1.2 Narrativas de Minhas Origens Familiares ..... 14
1.3 Meus Tempos de Educação Escolar ..... 16
1.4 O Ensino Superior: Desafios, Vitórias e Dificuldades ..... 19
**SEÇÃO II - OS FUNDAMENTOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS** **24**
2.1 Aquisição das línguas de sinais como língua natural ..... 25
2.2 O Surdo e o Direito ao Bilinguismo ..... 26
2.3 Língua, Linguagem e Surdos: Um Processo de Aquisição ..... 29
2.4 A Descolonização das Línguas de Sinais ..... 33
**SEÇÃO III - METODOLOGIA DA PESQUISA** **39**
3.1 Pressupostos e Premissas da Pesquisa ..... 40
3.2 Sujeitos da Pesquisa ..... 43
3.3 A Produção de Dados da Pesquisa ..... 44
3.4 Procedimentos da Análise dos Dados ..... 45
**SEÇÃO IV - RESULTADOS DA PESQUISA** **48**
4.1 A relação dialógica do pesquisador com a pesquisa ..... 49
4.2 Os registros dos sinais-termos ..... 49
4.3 Mapeamento dos sinais dos nomes dos bairros ..... 52
4.4 Representações iconográficas dos sinais ..... 55
**CONSIDERAÇÕES FINAIS** **76**
**REFERÊNCIAS** **78**

# INTRODUÇÃO

Com a criação do curso de Letras - Libras no ano de 2015 pela Universidade Federal de Rondônia, na cidade de Porto Velho, a comunidade surda local passou a ter acesso e a conseguir ingressar no curso, não somente na graduação em Letras - Libras, mas em muitas outras áreas do conhecimento acadêmico. Tal fato se tornou possível devido às políticas de expansão universitária que tiveram início a partir do governo Lula (2003-2010), que assegurou acessibilidade ao ensino superior, atendendo às reivindicações e anseios do Movimento Surdo de todo o Brasil em defesa da educação inclusiva.

Apesar do acesso à graduação e pós-graduação no contexto da Universidade Federal de Rondônia, os surdos ainda necessitam de uma acessibilidade linguística que valorize a cultura e identidade de sua comunidade local. Nesse sentido, reconhecemos que muitos termos técnicos utilizados pelos docentes ainda não encontram correspondente de sinais em Libras, dessa forma, os intérpretes e até mesmo os docentes surdos recorrem à soletração manual, tomando como empréstimo a língua portuguesa, a qual, por vezes, torna-se incompreensível para os sujeitos surdos. Dessa forma, o presente estudo é voltado para o mapeamento de sinais-termos intentando contribuir para a compreensão da língua de sinais (LS) na perspectiva da cultura e identidade surda, considerando que a Língua Brasileira de Sinais (LBS) é uma língua gestual-visual que manifesta a cultura e identidade do povo surdo.

Para refletir os signos linguísticos que compõem os sinais-termos na LBS, buscamos identificar os conceitos e significados dos nomes dos bairros de Porto Velho conforme os conceitos de terminologia das palavras configuradas por sinais, os quais representam a cultura e identidade da referida cidade. Para identificação dos sinais-termos dos nomes dos bairros, reivindicamos pressupostos teóricos com base nos conceitos de iconicidade, presentes nos sinais que revelam a cultura e identidade dos nomes dos bairros de Porto Velho. Reconhecemos que os sinais-termos são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização das configurações dos sinais conforme as características da cultura e identidade dos bairros (MARTINS & STUMPF, 2016, p. 46).

Como objetivo geral, a presente pesquisa buscou registrar uma bacia semântica de sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho com base na cultura e identidade deles. Como objetivos específicos, procuramos realizar um mapeamento dos nomes dos bairros da cidade, identificar nos sinais de configuração dos nomes desses bairros as representações iconográficas relacionadas à cultura e identidade surda, bem como validar os sinais-termos por meio de uma equipe multidisciplinar para a construção de um Glossário de Libras com os nomes dos bairros.

Como pressuposto do conceito de bacia semântica, recorremos à teoria de Gilbert Durand (2004, p. 103), a qual pode ser definida enquanto "um conjunto de ideias, significados e expressões de uma dada sociedade na qual o indivíduo nasce". Neste prisma, reconhecemos o conceito de bacia semântica dos nomes dos bairros de Porto Velho que se interligam a representações simbólicas de artefatos culturais representantes da cultura e identidade nas configurações dos respectivos sinais. A partir de conjunto de palavras selecionadas, com base na cultura e identidade surda presentes nas configurações de sinais, a bacia semântica revela as relações históricas dos nomes dos bairros, revelando também o modo de compreensão de mundo da comunidade surda, com base nos sentidos e significados da linguagem gestual-visual.

Para definir o sentido da palavra "mapear", recorremos aos pressupostos teóricos de Biembengut (2008, p. 51), como uma maneira de atribuir significado às informações e à realidade pesquisada. "[...] ... o mapeamento permite-nos formar imagens da realidade e dar sentido às muitas informações, captando traços e características relevantes [...]". Dessa forma, o mapeamento dos sinais dos nomes dos bairros é uma pesquisa que visa identificar os artefatos culturais da comunidade surda analisando as informações presentes na configuração de sinais. Portanto, analisando e registrando os dados, verificamos a necessidade de interferir na construção dos resultados visando melhorar a vida do grupo estudado.

Por outro lado, o mapeamento e registro de sinais, nas palavras de Calvet (2007, p. 57), "são ações que garantem a preservação da língua". Partindo desse prisma, mapear os sinais do curso de Letras - Libras é uma tarefa constante para a conservação da língua de sinais no contexto da educação de surdos que

frequentam o ensino superior. Nesse contexto, a presente pesquisa intentou buscar e registrar *uma bacia semântica de sinais-termos de Libras* para os bairros de Porto Velho com base na cultura e identidade da comunidade surda. Os Objetivos Específicos são: mapeamento de palavras e termos relacionados aos bairros de Porto Velho; identificar os sinais-termos das palavras mapeadas com representação iconográficas relacionadas à cultura e identidade surda; e validar os sinais-termos com uma equipe de Glossário de Libras composta por surdos e ouvintes.

Neste cenário, o mapeamento dos sinais pretende reforçar a cultura e identidade do povo surdo, além de favorecer a aquisição de conhecimentos no contexto do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia. A organização dos sinais buscará a identificação da cultura e identidade surda. Conforme as palavras de Biembengut (2008, p. 51), o objetivo é relacionar ou ligar um conjunto de dados proporcionando, então, uma análise mais detalhada dos sinais-termos.

Nesta perspectiva, reconhecemos que a aprendizagem de qualquer língua está relacionada intrinsecamente à aquisição da linguagem, ao passo que, sem alcançar tal aquisição, o sujeito surdo não conseguirá despertar para a aprendizagem de Libras, sua língua natural. Dessa maneira, a aquisição de uma perspectiva visual ganha espaço no desenvolvimento cognitivo do surdo, considerando que a aquisição da linguagem visual constrói bases cognitivas necessárias para a aprendizagem consistente de Libras. Portanto, não se pode pensar na privação do surdo quanto à aquisição da linguagem visual, mesmo porque ele não conseguirá reter a aquisição sonora da palavra.

A propósito, a pesquisadora surda Gladis Perlin (2020, p. 170), que vem inspirando diversos estudos e pesquisas no contexto do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI), liderado pelo professor Dr. João Carlos Gomes, da UNIR, afirma: “a Cultura Surda traz em si elementos importantes que a identificam, a constituem e a colocam no rol das diferentes culturas que perfazem o panorama das posições da modernidade tardia”. Nesse contexto, Perlin (2020) assegura que tais espaços são regidos por poderosas relações de poder as quais revelam que cada cultura manifesta sua própria autoridade. Logo, a autora nos mostra que uma cultura difere da outra pelo enunciado que ela produz.

Assim, considera que, pelas tramas de poder e pelas narrativas que produz, cada cultura se relaciona intimamente com a língua constituinte da cultura de um povo.

Para Perlin (2020, p. 171), as relações culturais presentes nas narrativas culturas da comunidade surda sempre se encontram atreladas aos olhares e às formas de representação do mundo e da alteridade, a uma ideologia do poder dominante o qual procura manter essa cultura e identidade na subalternidade, impondo, assim, outros modos de ler, inventar, escrever o mundo e as relações sociais. Nesse sentido, podemos reconhecer, nos estudos teóricos de Gladis Perlin (2020), que as formas de representar, pesquisar e escutar o surdo estão fortemente marcadas por uma concepção falante e ouvinte de normalidade, cujas relações encontram-se atravessadas por traços simbólicos que geram o efeito de naturalização da superioridade (normalidade) das culturas ouvintes sobre as surdas (vistas como subalternas ou deficitárias).

Nesse contexto, Strobel (2013, p. 44) corrobora essa reflexão ao afirmar que “a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade do povo surdo, pois é uma das peculiaridades da Cultura Surda, da mesma maneira que se traduz numa forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos”. Assim, na visão de Machado (2009, p. 210), “[...] ... a aceitação de uma língua implica sempre a aceitação de uma cultura”. Dessa forma, aceitar a Libras na Universidade e garantir condições para que os sujeitos surdos consigam ingressar em um curso de graduação é também receber a Cultura Surda em todos os espaços acadêmicos.

No cenário referido, João Carlos Gomes e Shirley Vilhalva (2020), com base nos estudos desenvolvidos no contexto do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI), da Universidade Federal de Rondônia, revelam que os pressupostos e premissas dos estudos surdos pós-críticos tornam-se possibilidades constitutivas que temos para refletir as relações das línguas de sinais com a cultura e identidade de cada povo. Com isso, os pesquisadores compreendem que os surdos se constituem num arco-íris de pluralidade cultural, na medida em que promovem uma interação entre o eu, o outro e o mundo, nos espaços de natureza e cultura de suas comunidades.

Dessa forma, eles reconhecem que as mudanças provocadas pelos processos da globalização neoliberal e pela crise de paradigmas da modernidade nas sociedades contemporâneas têm provocado significativas

transformações nos processos de ensino-aprendizagem, os quais merecem a construção de novos olhares na perspectiva da educação intercultural enquanto paradigma dos estudos surdos. Com base nesses pressupostos refletidos, é possível reconhecer que a sociedade envolvente é formada por pessoas de diferentes crenças, culturas e valores, portanto, devemos compreender e respeitar a língua natural das pessoas surdas, no caso, as línguas de sinais. Do ponto de vista clínico, a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e percepção auditiva que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural. A existência da Cultura Surda parte da compreensão de que as pessoas surdas têm como principal marco de sua cultura e identidade a língua de sinais.

No contexto em tela, Skliar (2001) nos mostra que a Cultura Surda é uma maneira singular de ver o mundo, por intermédio de uma experiência visual que transcende os aspectos linguísticos, posto que, para o surdo, a significação visual está presente em todas as ações do cotidiano. Por outro lado, não há que se falar em cultura inferior ou superior, apesar de a sociedade como um todo, em sua grande maioria composta de não surdos, acreditar ter uma suposta cultura superior. Assim, a relações dos surdos com o mundo situam-se culturalmente dentro das experiências visuais. Como as línguas de sinais são visuoespaciais, captando as experiências da cultura e identidade visuais das pessoas surdas, a mesma apresenta uma sintaxe espacial, incluindo os chamados classificadores, que utilizam as referências de iconicidade presente nos sinais.

Pesquisar as línguas de sinais vem comprovando que se trata de línguas que apresentam complexidades e expressividades como as línguas orais. Assim, a criação de sinais-termos é imprescindível para facilitar os processos de ensino-aprendizagem de surdos, especialmente no contexto do ensino superior. Segundo Silva (2009, p. 86), “[...] ... não se pode estabelecer uma hierarquia entre as culturas humanas de que todas são epistemológica e antropologicamente equivalentes”. O autor afirma não existir critérios que determinam a superioridade de uma sobre outra/outras, mas sim a igualdade, pois vivemos em um mundo intercultural, no qual as trocas culturais são essenciais para o crescimento dos indivíduos.

Dessa forma, o mapeamento etnográfico dos sinais-termos através das características de iconicidade pretende revelar a cultura e identidade dos bairros

de Porto Velho, com apoio nos pressupostos teóricos da etnolinguística, de acordo com as teorias de Lima Barreto (2010). Afinal, trata-se de um estudo tanto dos fenômenos linguísticos quanto dos antropológicos, posto que tal cultura não é autônoma em si, mas marcada pela interdependência. Com isso, reconhecemos que os sinais apresentados isoladamente não têm significados, visto que precisam estabelecer uma relação de subordinação com a cultura visual. Para Lima Barreto (2010), a etnolinguística não analisa o fato linguístico em si, isolado, mas sempre relacionado ao contexto no qual esse foi produzido, considerando, ainda, os dados paralinguísticos e extralinguísticos. O mapeamento dos sinais, portanto, ancora-se na perspectiva visual da comunidade acadêmica surda, buscando, assim, uma maior valorização da língua, cultura e identidade surda.

Com base nesses pressupostos teóricos iniciais, como metodologia de pesquisa para alcançar os objetivos, pretende-se realizar um estudo pós-crítico de caráter etnográfico visando à identificação dos sinais-termos como direito à diversidade cultural, com base nas línguas de sinais. Enquanto estudo de caso de olhar etnográfico, buscamos contribuir para o crescimento cultural e linguístico da comunidade surda na perspectiva dos diálogos interculturais, como uma possibilidade de superar os desafios da aceitação de identidade cultural dos surdos no ensino superior na Universidade Federal de Rondônia.

Essa opção epistemológica será orientada também pelos paradigmas da pesquisa participante de caráter qualitativo, o que dispensa longas teorias para justificar que o objetivo maior é proporcionar às próprias pessoas envolvidas o aprendizado, a participação e apropriação dos resultados de forma coletiva.

A abordagem da pesquisa será dentro da concepção das letras aplicadas à educação diferenciada, com a criação de uma comunidade interpretativa de aprendizagem para identificação da iconicidade nos sinais. Essa opção se consolida na criação de um coletivo educador, o qual *[espera-se que]* contribuirá para despertar outras possibilidades mais elevadas na construção de novas práxis de sensibilização para a educação, identidade e cultura do povo surdo no ensino superior.

Assim, acredita-se que a presente pesquisa pode potencializar a compreensão das relações de cultura e identidade presentes nas línguas de sinais. O ensino superior sempre foi um espaço pedagógico predominante da

cultura ouvinte, logo houve historicamente um estereótipo de incapacidade, de deficiência para o surdo. De outra forma, o presente estudo pretende contribuir para revelar que os surdos apenas têm uma cultura e identidade diferentes. Como proposta final de pesquisa, foi criado um glossário com sinais específicos, a fim de revelar que os surdos e os não surdos podem usufruir desses sinais, tendo como conceito a cultura e identidade surdas, bem como certo conjunto de características que definem um grupo, os quais incidem, ainda, na construção dos sujeitos surdos como povo étnico.

Esta pesquisa está organizada em quatro seções.

A Seção 1 trata da etnografia de si, na qual buscamos revelar quem é o pesquisador no contexto dos estudos surdos amazônicos, participante do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia. Nesta seção, o pesquisador procurou realizar uma narrativa de sua própria etnografia para servir de exemplo à comunidade surda. E, isto, não com vitimismo e lamentos e sim enquanto representação de uma vida cheia de percalços e superação, com a qual, provavelmente, outros surdos poderão se identificar, incentivados a derrubar as mesmas barreiras, uma das quais – a maior, por certo – é a língua do colonizador e seus preconceitos.

Na Seção 2, buscamos realizar uma fundamentação teórica sobre os pressupostos da aquisição da Língua Brasileira de Sinais, demonstrando a importância da língua de sinais como uma das principais marcas da cultura e identidade do povo surdo. Com isso, buscamos evidenciar as peculiaridades da cultura e identidade surda nos processos de comunicação e expressão por meio das línguas de sinais, revelando, assim, as experiências visuais dos sujeitos surdos. Dessa forma, pretendemos demonstrar que a aceitação de uma língua passa pelo reconhecimento da cultura e identidade de um povo. Então, o reconhecimento da Libras como língua natural da comunidade surda na Universidade é uma forma de garantirmos condições para que os sujeitos surdos consigam ingressar em um curso de graduação e pós-graduação.

Na Seção 3 buscamos demonstrar como se deu a metodologia desta pesquisa, na perspectiva dos estudos surdos pós-críticos. Essa opção epistemológica está voltada para os estudos terminológicos dos sinais-termos em Língua Brasileira de Sinais.

Na Seção 4 revelamos os resultados da pesquisa demonstrando o mapeamento etnográfico dos sinais-termos, apoiando-se na etnolinguística que, segundo Lima Barreto (2010), trata-se de estudo tanto de fenômenos linguísticos quanto antropológicos, por isso, ela não é autônoma em si, mas marcada pela interdependência.

Buscamos demonstrar que o fato linguístico isoladamente não revela os símbolos iconográficos presentes nos sinais, mas sempre relacionados ao contexto em que eles foram produzidos, considerando os dados paralinguísticos e extralinguísticos. Com isso, o mapeamento dos sinais ancora-se na perspectiva da cultura gestual-visual da comunidade acadêmica surda, buscando uma maior valorização da língua, cultura e identidade surda.

Neste cenário, reconhecemos a importância do presente estudo e pesquisa, considerando que a cultura e identidade surda sejam mais uma maneira de ver o mundo através do olhar. A Língua Brasileira de Sinais é uma língua gestual-visual que vai além das experiências linguísticas gramaticais, fonológicas, fonéticas e morfológicas. Para os sujeitos surdos, a cultura visual revela outra maneira de ver o mundo, com suas diferenças e contradições.

As línguas de sinais estão em construção e sua compreensão reflete a cultura e identidade de cada comunidade surda, tornando-se, com isso, essencial que o papel do Intérprete de Língua de Sinais (ILS) seja realizado com base nos sinais convencionados, ou não, presentes em cada comunidade. Parafraseando Paulo Freire, podemos assegurar que as línguas de sinais não podem tudo, mas, sim, elas são o principal artefato cultural que assegura a acessibilidade dos surdos diante da diversidade cultural do mundo em tempos de pandemia da covid-19.

# SEÇÃO I - A MINHA ETNOGRAFIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO

## 1.1 A minha identidade no contexto amazônico

Nesta seção, descrevo um pouco de minha vida como sujeito surdo, reconhecendo no campo dos estudos culturais a importância de tal autoetnografia, uma vez que é importante situar o lugar de minha narrativa sobre a cultura e identidade do povo surdo. Neste tópico, procuro narrar a etnografia de minha existência para revelar quem sou eu no contexto dos estudos da diversidade na Amazônia brasileira.

Como faço parte da cultura e identidade surda dos povos amazônicos, gostaria de assegurar, também, fazer parte dos sujeitos que utilizam a língua de sinais nas relações interculturais com a sociedade envolvente, a qual possui uma identidade cultura de ouvinte marcada pela voz.

Em nossa vida de surdos, têm sido recorrentes os momentos nos quais temos de “nos virar” para entender o que se passa ao redor, sem que ao menos nos seja proporcionada uma educação prévia que nos garanta historicamente o respeito à própria cultura e identidade surda. Temos de fazer muito sacrifício para aprender Libras nas escolas com professores bilíngues e aprender o português escrito como segunda língua, com intérpretes sem fluência em Libras nos processos de ensino-aprendizagem.

Para vencer esses desafios crescentes dentro de escolas sem profissionais minimamente qualificados, tivemos de “nos virar” sem intérpretes, e ainda temos de ensinar Libras para os intérpretes iniciantes que se aventuram a entrar na área sem o necessário conhecimento das línguas de sinais.

Dessa forma, mudamos da posição de alunos muitas vezes, pois, ao invés de ter um profissional que nos ensinasse ou que interpretasse em sala, assumimos o papel de professores e, vezes sem conta, passamos a ensinar aqueles ao invés de estar em sala aprendendo junto com os demais alunos. Tal situação se agrava mais ainda com a nossa imensa dificuldade em ler o português, dificultando sobremaneira não apenas a comunicação, mas impactando diretamente o nosso aprendizado.

Enquanto sujeitos surdos, temos de lutar muito para entrar nos espaços e dar continuidade aos estudos, e, mesmo, conseguir um emprego, consultar um médico, que dirá, então, um psicólogo! Sofremos muito com todos esses

processos de exclusão, posto que, pela barreira linguística, estamos o tempo inteiro sendo questionados ou avaliados de forma negativa.

A grande maioria da sociedade envolvente desconhece nossa cultura e língua, tendo em vista que geralmente essas pessoas herdaram o discurso colonizador que nos estigmatiza como preguiçosos, incapazes, “enrolões” e analfabetos funcionais, isso sem falar do epíteto “mudinho”, com o qual somos nominados em nível de senso comum.

O português escrito tem sido uma imensa barreira para a grande maioria dos surdos, pois não o dominamos, haja vista não sermos ensinados corretamente nem mesmo por nossos pais, muitos deles ouvintes. Aliado a isso, dificilmente encontramos professores que entendam ser o português a nossa segunda língua, acreditando esses, muitas vezes, que só ter intérprete em sala de aula é suficiente para atender às nossas necessidades!

Imaginemos que um ouvinte na mesma situação, dentro de um espaço em nível de Educação Superior tenha de ler todo o seu material didático em outra língua? E, se não tiver o domínio pleno dessa língua, como seria, frente aos demais colegas que têm acesso, domínio linguístico direto e pleno com o professor, além de dominar a língua escrita?

Que meritocracia é essa em que, mesmo sem paridade de recursos, um aluno surdo tem de lutar mais e fazer mais, sempre? Isso gera um mal-estar constante que nos acompanha desde o ingresso na Educação Infantil e que, ao longo da adolescência e da vida adulta, já se encontra incorporado como parte de nossa vivência. Mas não deveria ser assim.

Em sala de aula, recebemos textos e mais textos em português sem nenhuma ajuda para compreendê-los eficazmente, pois, em geral, os intérpretes só traduzem a fala do docente: o restante é problema do surdo. O surdo que se esforce, o surdo que pare tudo e se concentre em fazer igual ou melhor que os outros!

A grande maioria de nós surdos é constantemente limitada às informações do cotidiano, especialmente surdos que não têm fluência na Língua Portuguesa (a grande maioria). A situação é tão crítica que é muito difícil entender, mesmo, o que se passa em nosso próprio país através do noticiário televisivo ou escrito.

Se existem ouvintes que têm dificuldades provocadas por questões socioeconômicas para obter determinados tipos de conhecimento, para o surdo nas mesmas condições socioeconômicas, se soma o fato de ter (quando tem) acesso tardio a um aprendizado do português escrito, adquirindo pouca fluência nessa língua, o que implica passar longe da produção de conhecimento proporcionada por pensadores, filósofos e outros teóricos.

Essa ampla limitação no campo da produção de conhecimento se dá justamente pela falta de acesso às informações básicas para construir qualquer arcabouço intelectual, limitando assim os sujeitos surdos às discussões e pensamentos de interesse acadêmico.

Dessa forma, intento refletir assim: como poderia escrever sobre Amazônia, Rondônia, Porto Velho (minha cidade de nascença), cultura e pós-colonialismo não fosse o meu próprio lugar de fala e a minha própria experiência identitária?

Na condição de surdo, luto pela independência dos meus iguais buscando a defesa da língua de sinais como língua natural e exigindo respeito perante a sociedade em que vivemos. Enquanto sujeitos, não conseguimos formar nossa luta identitária de maneira célere como os sujeitos da sociedade envolvente, em função do isolamento em relação a outros sujeitos surdos.

O que ocorre na maior parte dos casos é o fato de o surdo nascer em uma família ouvinte e, por isso, não ter contato com outros surdos até a segunda infância ou adolescência. A formação de uma identidade surda expressa por eles como apropriação cultural geralmente se realiza a partir do contato com surdos politicamente engajados em associações, escolas bilíngues, eventos acadêmicos, entre outros.

Karin Strobel (2008, p. 26), em seu livro *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*, acredita que é essencial entendermos isso como algo que penetra na pele do povo surdo participante das comunidades surdas, compartilhando algo que têm em comum: seu conjunto de normas, valores e comportamentos.

Os surdos que não compartilham desses valores não têm formado o conceito de Cultura Surda, podendo se enxergar como pessoas estigmatizadas. O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas na realidade o que precisamos, mesmo, é de uma linguagem de relações, não de atributos (GOFFMAN, 1980, p. 13).

O *orgulho surdo* é um conceito bastante enfatizado pela comunidade surda, e é uma noção estudada pela pesquisadora surda Strobel (2008). Essa noção indica o desafio diário com o qual os surdos se defrontam, posto que, na história deles, os autores mais comentados são os ouvintes e não eles próprios. Ironicamente, são os ouvintes que têm voz e falam da comunidade surda sobre a experiência de como é viver/ser surdo.

Então, os surdos colocam as seguintes questões sobre os trabalhos escritos por autores ouvintes sobre eles: "Muitos autores escrevem bonitos livros sobre surdos, mas eles realmente nos conhecem? O que sabem sobre a Cultura Surda? Eles sentiram na própria pele como é viver a vida de um surdo?" (*op. cit.*, p. 13). Experienciar um contato com os surdos é muito diferente de ser um surdo, não importa quanta empatia o ouvinte tenha, ele jamais será surdo, e sua posição na comunidade surda se define por essa contraposição. Comumente é estabelecida uma dicotomia: surdo versus ouvinte.

O surdo é um sujeito visual, a comunicação natural se dá através dos olhos. Já a comunicação para o ouvinte é pelos ouvidos, e, como a sociedade envolvente em sua maior parte é ouvinte, essa pode ser considerada colonizadora, posto que a maior parte das informações transmitidas no mundo, independentemente do idioma, é direcionada às pessoas que escutam.

Por intermédio do orgulho surdo, é que foi possibilitado a nós escrevermos nossa própria trajetória histórica e cultural, potencializando, hoje, dentro da comunidade, que muitos tenham se tornado exemplos a serem seguidos, demonstrando que o surdo é capaz, que pode ser uma pessoa politizada/intelectual dentro dessa sociedade ouvinte, ou seja, um sujeito ativo social e politicamente.

Grande exemplo disso é o número de surdos entrando nas graduações, mestrados e doutorados no país, apesar de toda a questão linguística envolvida nesses processos, muito embora esse quantitativo esteja ainda muito defasado em relação ao quantitativo de ouvintes.

Dessa maneira, a participação integral e efetiva desses sujeitos nos processos educacionais, tanto na educação básica quanto na superior, fica comprometida pelo alcance reduzido no atendimento à diversidade existente, e no contexto dessas diferenças.

Com todas essas barreiras, os surdos vivem como estranhos em sua própria casa, em sua escola e na Universidade, pertencendo a uma minoria que diariamente enfrenta essa barreira linguística quase como estrangeiros em seu próprio país. Por fazer parte desse povo e dessa história, nesta pesquisa, intento mostrar como tal situação se aplica na prática utilizando um pequeno recorte da minha própria história de vida.

## 1.2 Narrativas de Minhas Origens Familiares

Minha família é composta a partir da minha mãe Marlene Pereira Ramos e do meu pai Francisco Welygton da Rocha. Faço parte de uma família de três filhos. A primeira a nascer foi uma mulher, que se chama Marcela, o segundo filho foi um homem, que se chama Rafael, e o terceiro sou eu, que me chamo Danilo.

Nós três nascemos sem nenhuma deficiência, sem nenhum tipo de doença, naturalmente saudáveis. Tive uma infância normal, pois naquela época eu conseguia escutar perfeitamente, o que torna possível me lembrar de como era a voz da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos, das minhas tias, dos meus tios, meus primos e meus vizinhos. Também me recordo de algumas canções que ouvia naquele tempo.

A minha infância ocorreu naturalmente até a idade de 6 anos, quando acabei contraindo meningite, doença que me deixou sequelas, uma delas a que acabou me tornando surdo. Esse período foi bastante difícil, pois minha mãe estava preocupada e tinha de ir a muitos hospitais com esperança de que alguém conseguisse nos ajudar. Ela foi ao Hospital de Base e ao Hospital João Paulo II em busca de alguma solução.

Naquela época, as medicações eram bastante restritas e quase não havia medicamentos para tratar da meningite.

Toda essa procura acabou fazendo com que minha mãe juntasse algum dinheiro para comprar medicamentos que pudessem ajudar, ou alguma vacina que possibilitasse minha recuperação. Nesse período todo, de 40 dias, estive internado no Hospital Cemetron, em coma e sem esboçar nenhuma reação. Segundo a explicação de um médico à minha mãe, o fator que permitiu que eu conseguisse continuar vivo estava diretamente ligado ao meu processo de

amamentação, o que possibilitou que meu corpo e as defesas dele se mantivessem fortes.

Depois de 40 dias em coma, consegui retomar a consciência e acordar. Porém, voltar à movimentação foi bastante difícil, pois estava muito fragilizado, em alguns momentos precisei me utilizar da cadeira de rodas, mas, com o tempo e a ajuda necessária, consegui recuperar meus movimentos de modo normal.

Apesar de recuperar os movimentos do corpo, fiquei totalmente surdo, surdez profunda (meus dois ouvidos morreram). Entretanto, num primeiro momento, não tive essa percepção de que havia algo errado, sequer percebi que não ouvia mais, porém, é claro, minha mãe logo percebeu. Lembro-me de acordar no hospital e, ao ver minha mãe, só via os lábios dela mexendo, me sentia tonto e não entendia nada do que se passava ao meu redor. Depois disso, me recordo de querer muito voltar para casa, só pensava em poder brincar de novo com meus irmãos, primos e amigos.

De volta para casa, só fui de fato perceber que tinha entrado no mundo do silêncio quando tentei ouvir o que estava passando na TV: aumentei o volume ao máximo, mas nenhum som saía de lá. Minha mãe gesticulava para eu baixar o volume, eu coloquei a mão na caixa da TV (naquela época as tevês eram grandes e tinham caixas atrás) e senti a vibração. Lembro-me que isso se tornou algo comum na minha rotina enquanto criança, todo dia eu colocava as mãos na TV para sentir a vibração dos sons.

Tenho resquícios da memória auditiva de muitas palavras, pois eu já era falante na época em que perdi a audição, por isso, ainda consigo oralizar algumas dessas palavras. Ainda tenho presente, e muito forte, a memória auditiva do som das vozes da minha mãe, pai, irmãos e tios; às vezes, tenho curiosidade de saber como é a voz dos meus sobrinhos e do meu filho. O que há de objetivo, no entanto, é a recordação dessas poucas vozes na memória, mas tenho também um mundo de memórias em imagens e sinais que me constituíram e ainda me constituem enquanto sujeito.

## 1.3 Meus Tempos de Educação Escolar

Meu período inicial de contato com a escola antes da detecção da surdez aconteceu normalmente e não havia essa questão de preocupação com a inclusão, pois eu ainda não era um surdo. Quando contraí meningite e me tornei surdo, infelizmente, tive de ficar em casa, pois eu e minha mãe não conhecíamos escolas que fossem especializadas em trabalhar na educação de surdos.

Esse período em que fiquei em casa foi de mais ou menos dois anos. Nessa época, passei a acompanhar minha mãe até o trabalho dela em um restaurante que vendia diversos tipos de alimentos. Ao lado desse restaurante havia um mercado pequeno. Minha mãe, em contato com a dona desse mercado, teve notícia de uma possível escola na qual eu poderia estudar.

Essa mulher (o nome dela era Maria), certo dia chegou ao restaurante e, em uma tonalidade de voz alta, começou a me chamar, mas em seguida acabou por estranhar a situação, pois eu não esboçava nenhuma reação e continuava a brincar com meus brinquedos. Quando minha mãe percebeu que Maria estava há um tempinho já me chamando e eu não respondia, pediu desculpas e explicou a ela que eu era surdo.

Esse momento foi um dos momentos maravilhosos, pois Maria trouxe uma “esperança” para minha mãe dizendo a ela que não se preocupasse, pois ela também tinha uma filha surda. Esse fato deixou minha mãe bastante feliz e cheia de indagações acerca de alguma escola especializada no trabalho com surdos, pois ela procurava e nunca encontrava, e, como eu estava já num longo período sem ir à escola, essa demanda acabou se tornando urgente.

Naquela conversa, Maria respondeu que existia uma escola que trabalhava com as questões de inclusão e com surdos: era o Centro Educacional Luterano Cristo (CELUC). Essa escola era uma escola cristã que tinha em sua base a inclusão de surdos no processo de ensino-aprendizagem.

Era uma escola que somente inseria os surdos no sistema, posto haver lá um grupo de surdos e um de ouvintes. Importante destacar que naquela época não havia ainda acontecido a promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e o que prevalecia naquele período era o oralismo. Comecei meus estudos nessa escola, mas realmente não me sentia bem e não conseguia desenvolver as peculiaridades da minha língua.

Na CELUC, o que acontecia com mais frequência era a oralização, o que dificultava o meu desenvolvimento escolar. Nesse período, tive de passar por uma mudança de residência e acabei conhecendo outra Maria, essa, Maria Gomes era surda e sabia mais sobre a Língua Brasileira de Sinais, e ela começou a me ensinar alguns sinais.

Confesso que em alguns daqueles primeiros momentos os sinais saíam meio que falhos, realmente “engatinhando na língua”, mas a Maria sempre esteve ali, paciente, tentando de todas as formas que eu incorporasse aquela língua ao meu cotidiano.

Logo depois de terminar meus estudos na CELUC, comecei a estudar na Escola Estadual de Ensino Especial Professor Abnael Machado de Lima (CENE). Ao entrar nessa escola, já sabia o básico de Libras, conhecia meu sinal e alguns outros sinais, pois estava aprendendo realmente as questões da sinalização. Com 6 anos de idade comecei meus estudos na CELUC, onde permaneci até os 9 anos, quando passei a estudar na CENE. A minha experiência na CENE foi marcante, pois eu estava num ambiente que era majoritariamente composto de surdos/surdas. Era maravilhoso, pois o uso de Libras era constante.

Na CENE havia uma professora ouvinte chamada Aldelina Rabelo; ela começou a me ensinar questões acerca dos sinais e das muitas variantes desses que existiam. Por conta disso, fui me desenvolvendo em contato com essa professora e com os outros colegas surdos que lá estudavam comigo e com Maria Gomes. Quando chegava a casa, mantinha contato, ainda, com outros surdos que ia conhecendo.

Esse movimento de entender minha língua e o uso dela me possibilitou a fluência em Libras com 12 anos de idade, quando realmente conseguia me comunicar com outros surdos de diferentes idades e contextos. E isso me permitiu formular minha identidade; a princípio, desconfigurada, pois, antes, eu acreditava ter uma identidade ouvinte em que o uso da oralização era constante, mas, essa, com o tempo, havia se tornado um verdadeiro sofrimento.

Entretanto a oralização era uma constante, frequentava fonoaudiólogos para aperfeiçoar essas questões de uso da fala, chegando a utilizar aparelhos auditivos que infelizmente não me serviram, pois apenas reproduziam barulhos e não sons identificáveis, então, não via necessidade de usá-los, o que me

causava desconforto e frustração. Inclusive, cheguei a ponto de quebrá-los e guardá-los, focando na sinalização por meio do uso de Libras em contato com a comunidade surda desde então.

Na CENE, estudei o Ensino Fundamental inteiro até o 5º ano, depois, concluí o Ensino Fundamental II na Escola Barão do Solimões. Nessa última é que realmente voltou o sofrimento, pois eu era o único aluno surdo – a maioria dos colegas fazia bullying, tirava chacota por conta da minha surdez e chegava a ponto de em alguns momentos atirar bolinhas de papel em mim etc.

Os intérpretes daquela escola não tinham tanta habilidade na sinalização e os professores não estavam focados ou, sequer, preocupados em possibilitar uma comunicação nítida que permitisse meu desenvolvimento.

Minha mãe, percebendo a volta do meu sofrimento por causa da oralização e dessas situações, foi até a Secretaria de Educação (SEDUC-RO) conversar com o secretário e reclamar acerca de toda essa falta de cuidado e de profissionais que conseguissem tornar a aprendizagem e o ensino aceitáveis, possibilitando, assim, meu desenvolvimento naquela escola, na época, um adolescente com 13 anos. A partir daí, premido pela necessidade, passei a ter um pouco mais de paciência, pois realmente as estratégias de ensino à época eram bem desvalorizadas e reduzidas.

Passado esse período, quando consegui concluir meus estudos no 6º ano, mudei de escola e passei a estudar na Escola 21 de Abril. Nesta, me senti realizado, pois havia uma sala na qual estudavam apenas alunos surdos, com profissionais capacitados para trabalhar metodologias diferenciadas e com o uso da Língua Brasileira de Sinais; essas salas de aula eram chamadas de Salas Bilíngues, tínhamos professores que ministravam as aulas em Libras.

Os que não sabiam Libras ministravam suas aulas com a presença de profissionais intérpretes. Em alguns casos, havia professores que conheciam pouco acerca dos sinais, mas conseguíamos nos reinventar por conta de estarmos em um ambiente bilíngue.

Assim, estudei na Escola Estadual de Ensino Fundamental 21 de Abril por cerca de dois anos, quando então precisei mudar de escola novamente, pois agora iria começar o Ensino Médio. A nova escola onde iria estudar chama-se Escola Estadual de Ensino Médio Major Guapindaia.

Estudei ali junto com outros surdos até que conseguimos concluir nosso Ensino Médio. É importante registrar que naquele momento a escola estava preparada para nos receber, pois tinha em seu corpo docente profissionais intérpretes de sinais, professores bilíngues e professores surdos(as), o que me fazia sentir bastante feliz e motivado em estar ali.

### 1.4 O Ensino Superior: Desafios, Vitórias e Dificuldades

Após finalizar o Ensino Médio, fiquei sem estudar por quatro anos, período no qual me dediquei a trabalhar. Trabalhei na área administrativa da empresa Unimed. Lá era um ambiente totalmente ouvinte, tive muitas vezes que oralizar, fazer leitura labial ou utilizar a forma escrita para me comunicar. Com muita paciência minha e da parte de meus colegas, também cheguei a ensinar muitos sinais para os mais próximos, o que também ajudou na comunicação.

Posteriormente, iniciei meus estudos no ensino superior na Universidade Paulista (UNIP) em 2014, cursando Pedagogia juntamente com mais sete alunos surdos que estavam ali, até certo ponto incluídos, mas acabamos nos tornando um reduzido grupo de surdos em face dos demais, que compunham o grupo de ouvintes.

Lá tivemos vários intérpretes que mudavam constantemente devido a problemas, sendo um deles a sua falta de fluência e experiência. Tivemos, inclusive, pessoas que sabiam o básico e se arriscaram na interpretação, na tentativa de ajudar nosso grupo de surdos.

Ficávamos sem intérprete nas aulas, enquanto essas aconteciam normalmente para os outros alunos, mas nunca tivemos a reposição necessária. Quando lá chegava um tradutor intérprete de língua de sinais e português (TILSP), a comunicação só era efetiva com a presença de intérprete, mesmo que esse não fosse fluente. (Já estávamos acostumados com esse tipo de situação, e isso se repetiu no Fundamental e no Ensino Médio).

Assim, estávamos acostumados a ter paciência e tentávamos a todo custo fazer uma faculdade, para também ter um diploma de ensino superior e mostrar que nós surdos poderíamos ser professores formados. Dessa forma, consegui concluir a primeira graduação no ensino superior em três anos de estudo, me

formando em Pedagogia, o que, para mim, mais que um alívio, foi também uma grande conquista.

Em 2017 entrei no curso de Letras - Libras da UNIR, curso sonhado por grande parte dos surdos que de alguma forma já ensinavam Libras, mesmo já tendo uma graduação; fui buscar mais este sonho: estudar minha língua na Universidade Federal. Enquanto eu estudava na graduação, acompanhava meus professores surdos na jornada de fazer o mestrado, fui à defesa da primeira surda, Indira Simionatto Stédile, mulher surda rondoniense e professora universitária.

Fiquei emocionado com aquela conquista para nossa comunidade e isso despertou em mim o interesse para essa possibilidade de fazer mestrado e ajudar outras pessoas. Os dois primeiros surdos mestres da UNIR, a Indira Simionatto (RO) e o Amarildo Espindola (DF), foram o exemplo para os surdos do Estado de Rondônia. Eu vi e queria fazer igual a eles.

Então, comecei a estudar, li todos os livros recomendados e, na maioria das vezes, não conseguia compreender certos conceitos. Então, procurei ajuda com mestres bilíngues, caso do professor Amauri Moret e da professora Ariana Boaventura, que me esclareciam, em Libras, os conceitos.

Por ocasião de ingressar no mestrado, alguns anos depois dessa primeira formação, mas ainda com muita dificuldade em função do português, acabei descobrindo elementos importantes que me ajudaram a despertar o interesse pelos artefatos da minha identidade cultural. Passei, então, a refletir que se o conhecimento desses chegasse aos surdos da maneira como compreendemos o mundo culturalmente ainda na infância, eu não teria, na minha condição de surdo, qualquer dificuldade na aprendizagem, pois comumente não há dificuldade na compreensão e absorção do conhecimento desde que esse nos seja apresentado com base em nossa cultura e identidade.

Tive tradutores intérpretes, mas esses tinham dificuldades para sinalizar os conceitos/palavras usados nas disciplinas do mestrado. Recebemos muitos conhecimentos resumidos e descontextualizados, muitas vezes os tradutores intérpretes conseguiam sinalizar apenas soletrando em língua portuguesa.

Para a melhor compreensão dos conteúdos, eu lia durante a semana, fazia anotações de todas as dúvidas e perguntava a uma colega de turma, a acadêmica Luciana Monteiro, algumas vezes ao professor bilíngue Amauri

Moret, ou ia para a casa da professora bilíngue Ariana Boaventura ou do intérprete William Sestito; então, eles me explicavam e isso começava a clarear minha mente.

Tive muitas dificuldades, mesmo com a presença de intérpretes; alguns desses ainda não tinham experiência de interpretação no mestrado, muitas vezes interpretavam sem ter tido contato anterior com o material do professor, acabando por fazer interpretação simultânea de conceitos profundos e pesados também para eles. Como já disse, às vezes usavam sinal soletrado por não conhecer o sinal ou o conceito da palavra, havendo também alguns momentos em que combinamos sinais para utilizar na aula.

A presença e o trabalho do intérprete ficaram restritos à interpretação em sala de aula e, com isso, tive de me deparar sozinho com textos teóricos. Então, por tudo que tivemos de passar em nossa base na formação educacional (lacunas, falhas), me deparar sozinho com textos acadêmicos em língua portuguesa, foi, e ainda é, um grande desafio. Conforme já observei, não se trata de vitimismo de nossa parte, é uma questão real que passamos ao longo de nossa vida escolar (sem professores bilíngues, sem intérpretes qualificados, sem o ensino de Libras na escola e outros).

Na realidade, nós, surdos, somos vítimas de um sistema educacional projetado para uma sociedade ouvinte, que tenta fazer a inclusão dos surdos em um ambiente da cultura e língua ouvinte, que, no Brasil, é a língua portuguesa. Essa é uma situação desumana e demonstra falta de sensibilidade e de empatia dos gestores do sistema educacional para com as diferenças culturais dos sujeitos surdos. Por isso, acredito que é de extrema importância o acompanhamento de tradutores intérpretes para a compreensão de textos teóricos pelos surdos no mestrado.

Temos como exemplo o programa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no qual os alunos surdos têm acesso à tradução em Libras do material estudado durante o mestrado, havendo intérpretes de nível superior exclusivamente para mestrado e doutorado. Lá, o aluno surdo tem até a opção de fazer sua dissertação em Libras, e o intérprete faz a transcrição para o português. Tenho o sonho de que, um dia, a UNIR vai crescer muito e, no futuro, teremos um sistema parecido.

Reconheço que todas as disciplinas que cursei foram importantes para minha formação, mas gostei muito, em especial, de duas: Sociolinguística e Epistemologia. A Sociolinguística foi ministrada pela professora Odete Burgeille. Nas aulas dela, sempre insistia na preocupação de se havia intérprete (se não tivesse intérprete, ela não dava aula; se mostrou, portanto, empática), se eu estava entendendo as aulas ou não. Ela contextualizava o conteúdo com as situações que o povo surdo vive cotidianamente, tais como: preconceito linguístico, variações linguísticas e os conflitos existentes quando duas línguas diferentes se relacionam. Às vezes, ela utilizava minha história de vida para falar a partir desse conhecimento.

Fazia isso também com meu colega indígena Orowao Kanoe (que infelizmente morreu de covid-19) partindo da nossa própria história de vida. Posteriormente, pude compreender as minhas diferenças de cultura e identidade com relação aos meus familiares, professores e amigos ouvintes. Hoje sei que isso é um conhecimento “empírico”, então, me reconheci nos textos discutidos. O termo *empírico* eu já tinha visto antes, mas não entendia o significado.

Os estudos acadêmicos me levaram a compreender que o conhecimento empírico se dá através da observação e análise de situações e objetos. É um conhecimento adquirido no decorrer da vida, e o que mais aprendi com a vida foram questões relacionadas a conflitos entre línguas diferentes em contato e sobre a força de uma língua sobre outra em um determinado espaço social.

A outra disciplina, esta, ministrada pelo professor João Carlos Gomes, foi a disciplina com métodos e materiais adequados para minha cultura e identidade. Em todos os slides utilizados, percebi uma maior acessibilidade linguística visual, de artes e cultura indígena e amazônica. Então, me senti muito valorizado e acolhido nessa disciplina, especialmente porque todos os slides têm textos seguidos de imagens contextualizando as narrativas.

A paciência e a calma na forma de explicar do professor, somadas a um melhor entendimento dos intérpretes, me fez me sentir mais tranquilo na interpretação. As palavras em língua portuguesa nem sempre são claras para os surdos. Nós precisamos entender o contexto histórico e linguístico para a compreensão dos textos em língua portuguesa.

O Mestrado em Letras me ofereceu conhecimento de conceitos importantes que já havia vivido na realidade, mas ainda não tinha pensado sobre

isso numa perspectiva acadêmica. O conceito de hibridismo, por exemplo, despertou a minha compreensão sobre o sentimento que construí com minha família e amigos ouvintes no sentido de gostar de adaptar artefatos do mundo ouvinte para pensar e viver na cultura e identidade surda. Conhecer esses conceitos foi muito importante para o reconhecimento da cultura e diversidade da minha formação.

# SEÇÃO II - OS FUNDAMENTOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

## 2.1 Aquisição das línguas de sinais como língua natural

As línguas de sinais são línguas faladas pelas comunidades surdas dispersas no planeta; cada país dispõe da própria língua de sinais, como a Língua de Sinais Americana (ASL), a Língua de Sinais Francesa, a Libras no Brasil. Essas línguas vêm desde 1960 (ano do seu reconhecimento como uma língua natural dos surdos) ganhando cada vez mais espaço nos estudos acadêmicos.

Nesse sentido, nós surdos de Rondônia adentramos o espaço acadêmico validando não apenas o estatuto da língua de sinais como também dos pesquisadores surdos, que podem contribuir para o fortalecimento dos estudos linguísticos e histórico-culturais sobre a cultura e identidade dos surdos.

O desenvolvimento da linguagem em crianças surdas segue o mesmo processo de aquisição de uma criança ouvinte. Assim, ela passa pelas etapas de construção da linguagem desde o balbucio até a explosão do vocabulário.

Para as crianças surdas, essa aquisição é toda concebida pela visão, pois os inputs considerados por Chomsky (1971) são recebidos, captados pelos olhos e armazenados na memória, para que ela possa agir sobre essas informações e se comunicar com o meio. A aquisição de linguagem leva em consideração os primeiros estágios de desenvolvimento das crianças surdas, cujas etapas são fundamentais para compreensão e aprendizagem de Libras.

Para tanto, o estudo aqui desenvolvido traçou um parâmetro balizador de como se constitui cognitivamente o processo de aquisição da linguagem em uma perspectiva surda, apoiando-se principalmente no gerativismo de Chomsky. O recorte pesquisado constitui-se de textos entre artigos, dissertações e teses. Todos os textos apresentam como ligação a temática da aquisição da linguagem por crianças surdas, que estão em uma faixa etária compreendida de 3 a 11 anos.

A aprendizagem de qualquer língua está relacionada intrinsecamente à aquisição da linguagem, ao passo que, sem alcançar tal aquisição, o sujeito surdo não conseguirá despertar para a aprendizagem da Libras, sua língua natural.

É ao seguir a linha desse pensamento que a aquisição em uma perspectiva visual ganha espaço no desenvolvimento cognitivo do surdo.

Considerando-se o pensamento referido, afirma-se que a aquisição da linguagem visualmente constrói bases cognitivas necessárias para a aprendizagem consistente de Libras. Portanto, não se pode pensar na privação do surdo na aquisição da linguagem visual, até porque ele não conseguirá reter uma aquisição sonora.

A sociedade é formada por diversas pessoas com diferentes crenças, valores e cultura, portanto, devemos compreender e respeitar a língua natural dos surdos, no caso, a Libras (Língua Brasileira de Sinais+).

Do ponto de vista clínico, a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e percepção auditivas que dificultam a aquisição da linguagem oral de forma natural. A existência da Cultura Surda partiu da iniciativa de pessoas surdas que se identificam como tal.

A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. A língua de sinais é visual-espacial captando as experiências visuais das pessoas surdas. Ela apresenta uma sintaxe espacial incluindo os chamados classificadores e utiliza as referências anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço. Pesquisa sobre as línguas de sinais vêm comprovando que essas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a qualquer língua oral.

## 2.2 O Surdo e o Direito ao Bilinguismo

A proposta bilíngue no Brasil tem se tornado um fator de integração da Cultura Surda, porque crianças, jovens e adultos se comunicam em Libras, e muitos professores dessas escolas já sabem ou estão aprendendo essa língua com instrutores surdos. Por outro lado, várias escolas, no país, desenvolvem diálogo entre elas para uma comunicação mínima, mas essas ficam totalmente excluídas da Cultura Surda e a maioria não tem um bom rendimento escolar.

Devido à metodologia oralista, há alguns surdos que rejeitam a Cultura Surda e, consequentemente a Libras, utilizando apenas a língua portuguesa. Há muitos surdos que, embora queiram se comunicar com outros surdos em Libras devido ao fato de terem se integrado à Cultura Surda tardiamente, usam não a Libras, mas um bimodalismo, ou seja, sinalizam e falam simultaneamente.

Pelo não domínio da Libras, muitos surdos, quando estão em certa situação (eventos acadêmicos, políticos, jurídicos, entre outros) que exigiria intérpretes de Libras para melhor compreensão, não conseguem entender nem a língua portuguesa nem a Libras, ficando marginalizados, sem poder ter uma participação efetiva.

A aquisição da linguagem é fundamental para a aprendizagem da língua natural, bem como a afirmação do convívio do sujeito em uma sociedade. A língua está diretamente associada a um povo, uma identidade e uma cultura. O primeiro contato da criança surda com a linguagem acontece no ambiente familiar e, se esse ambiente for de pais surdos, a criança conseguirá fazer suas primeiras combinações de sinais. No entanto, se esse ambiente for de pais ouvintes, somente na escola é que ela emergirá para a aquisição da linguagem, considerada, nesse sentido, um ensino visual.

Segundo a teoria inatista, defendida por Noam Chomsky (1971), toda criança nasce preparada para receber uma linguagem (uma língua). Então, no ato de comunicação entre as pessoas, de acordo com Stokoe (1960), “as línguas dependem do cérebro para se desenvolverem e não do ouvido humano”. Nessa dinâmica, a aquisição da linguagem por crianças surdas se dá de forma natural pela visão.

Conforme Quadros (1996), as crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. Mas, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica na qual a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-linguística), para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico).

Assim, os estágios das primeiras combinações de sinais surgem por volta dos 2 anos nas crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observam que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é: Sujeito e Verbo, Verbo e Objeto ou, ainda, num período subsequente, Sujeito - Verbo - Objeto. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Por outro lado, as crianças adquirem a linguagem na interação com as pessoas à sua volta ouvindo ou vendo a língua, ou as línguas que estão sendo

usadas. Qualquer criança adquire linguagem quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição. No caso das crianças surdas, filhas de pais surdos, esse processo acontece naturalmente na língua de sinais. Desse modo, as crianças filhas de pais ouvintes necessitam de contato direto com a língua de sinais na escola para desenvolver o processo de aquisição da linguagem.

Segundo o pensamento de Freitas (2007), baseando-se na teoria behaviorista de Skinner, a aquisição da linguagem acontecia exclusivamente pelo contato do sujeito com a sociedade, assim, ele desenvolvia uma língua porque ouvia os signos pronunciados pelos seus pares linguísticos e, dessa maneira, poderia copiá-los. Nesse processo de construção da língua, na visão do autor, fazia-se necessário o reforço para que a língua tomasse forma.

Em uma abordagem preconizada por Freitas (2007), são inatas à criança a predisposição e as condições objetiva para a aquisição da linguagem, ou seja, mesmo que ela não fosse exposta diretamente a um idioma, seu sistema cerebral garantiria a aquisição e o desenvolvimento de uma linguagem.

Nesse sentido, a imersão no ambiente linguístico faria com que ela abarcasse suas próprias hipóteses. Para o autor, é na, e pela linguagem, que a criança se completa – pela interação com o outro, a criança não vem ao mundo já com o conhecimento pré-adquirido, ela o absorve no dialogismo como o outro, portanto, se constitui enquanto sujeito no mundo.

De acordo com a linha de pesquisa de Freitas (2007), o conhecimento não é um objeto levado à criança, desse modo, ela não é um sujeito passivo que espera ser povoada pelo saber, bem como o conhecimento dela não se constrói passivamente, pelo contrário, a criança participa ativamente no seu desenvolvimento cognitivo e social.

Para corroborar essa discussão, trazemos Freitas (2007, p. 52) afirmando que “[...] há muito a pesquisar sobre a aquisição e o desenvolvimento da fala”, uma vez que as pesquisas sobre essa área do cérebro são incipientes, não conseguem desnudar toda a complexidade da aquisição e desenvolvimento da linguagem.

> Dentre os temas abordados em pesquisas, podem-se citar os estudos pré-linguísticos, que investigam o balbucio de crianças com desenvolvimento normal e de crianças surdas, a percepção e a produção do bebê, e a interação entre os pais e o bebê (FREITAS, 2007, p. 52).

Conforme Freitas (2007), por meio de evidências resultantes de pesquisas em bebês, esses são acompanhados com foco no processo de aquisição da linguagem. Uma curiosidade destacada pela autora reside no fato de a criança surda apresentar os mesmos desenvolvimentos na etapa do balbucio que as crianças não surdas. A autora pontua, ainda, a interação dos pais com a criança, visto ser extremamente importante esse contato para o desenvolvimento e a aquisição da linguagem.

### 2.3 Língua, Linguagem e Surdos: Um Processo de Aquisição

De acordo com investigações linguísticas, os estudos das línguas de sinais apresentam evidências de que estas observam as mesmas restrições que se aplicam às línguas faladas (STOKOE et al., 1976; BELLUGI & KLIMA, 1972; SIPLE, 1978). Quase em paralelo a esses estudos, iniciaram-se as pesquisas sobre o processo de aquisição da linguagem em crianças surdas filhas de pais surdos (HOFFMEISTER, 1978; MEIER, 1980; LOEW, 1984; LILLO-MARTIN, 1986; PETITTO, 1987; SLOBIN, 1986).

No país, a Língua Brasileira de Sinais começou a ser investigada nas décadas de 80 e 90 (FERREIRA-BRITO, 1986; FELIPE, 1992, 1993; QUADROS, 1995, 1999), e a sua aquisição por alunos/praticantes, nos anos 90 (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995, 1997).

Segundo Quadros e Cruz (2011, p. 25), a grande maioria das crianças surdas é composta de filhos de pais ouvintes que normalmente não conhecem a língua de sinais e muitas vezes nunca viram um surdo. Esse fator interfere diretamente no processo de aquisição da linguagem dessas crianças, uma vez que até os pais tomarem conhecimento da língua de sinais e admitirem o seu uso as crianças ficam praticamente sem input linguístico. Essas crianças, quando ingressam na clínica ou na escola, descobrem a língua de sinais e, a partir daí, iniciam o seu processo de aquisição, embora tardio.

Esse atraso na aquisição da Libras traz consequência para o aprendizado da língua portuguesa. Considerando que de modo geral as crianças surdas filhas de pais ouvintes chegam à escola sem uma língua, cabe, pois, aos profissionais

lhes propiciar a aquisição da Língua Brasileira de Sinais, o que vai se dar na interação com surdos adultos, fluentes na língua.

> A Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-espacial, com gramática própria, que preenche as mesmas funções que a língua portuguesa falada para os ouvintes. Deve ser, portanto, adquirida na interação com usuários fluentes da mesma, os quais, envolvendo as crianças surdas em práticas discursivas e interpretando os enunciados produzidos por elas, insiram-nas no funcionamento dessa língua. Ela vai ter papel fundamental no aprendizado da língua portuguesa, uma vez que possibilitará, entre outras coisas, conhecimento de mundo e de língua com base nos quais os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que leem e escrevem (PEREIRA, 2008 p. 10).

Ao se fazer o reconhecimento da importância de que a Libras é a base para o aprendizado da língua portuguesa como segunda língua, e levando em consideração que a maioria das crianças surdas vem de famílias ouvintes, cabe à escola propiciar condições para que seus alunos surdos a adquiram, preferencialmente na interação com adultos surdos, sinalizadores. Assim, poderão aprender não só os sinais como também com o uso de todos os recursos que as línguas de sinais oferecem.

A propósito, Lacerda e Lodi (2012, p. 169) questionam: como pensar nas possibilidades de desenvolvimento de relações entre Libras e língua portuguesa? Elas explicam que temos de entender que as duas línguas em jogo nesse processo diferenciam-se quanto à estrutura e ao modo de funcionamento, pois:

> Apropriar-se da linguagem escrita é exigir da criança (surda ou ouvinte) um alto grau de abstração com relação ao mundo e aos objetos. Na criança surda esse nível de abstração só será alcançado no decorrer do desenvolvimento da Libras. Assim a escrita é entendida como uma linguagem do pensamento, das ideias, e estabelece desse modo uma relação com a linguagem interior construída no processo de apropriação da primeira língua [ou da linguagem oral no caso de crianças ouvintes] (LACERDA e LODI, 2012, p. 169).

Para Vygotsky apud Lacerda e Lodi (2012), se o desenvolvimento da linguagem exterior precede a interior, a linguagem escrita aparece depois da anterior e pressupõe sua existência. Dessa maneira, no caso das crianças surdas, cuja aprendizagem pressupõe aprender outra língua (Libras), é

imprescindível propiciar a elas o estabelecimento de um diálogo com sua primeira língua.

Esse processo, conforme discutiu Vygotsky apud Lacerda e Lodi (2012), deve ser continuamente cuidado, pois aprender uma língua estrangeira depende de certo grau de maturidade na primeira língua, na medida em que o aprendizado de uma segunda língua se constitui em um processo singular, tendo como ponto de partida os repertórios semânticos da primeira construídos ao longo do desenvolvimento.

Geralmente as pesquisas envolvem a análise da produção dos inputs de crianças surdas filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input linguístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas. No Brasil, tais estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que utilizam a Libras.

Com referência ao Período Pré-Linguístico, Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês surdos, assim como nos bebês ouvintes, enquanto fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette, foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período.

Também foram observadas todas as produções manuais, tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes, para verificar a existência, ou não, de alguma organização sistemática. Nos bebês surdos, foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio, e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. Nesse sentido, os estudos afirmam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período.

As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos, assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o input favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar. As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem, independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Conforme Quadros (1996), as crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. Mas, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-linguística), para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico).

Assim, os estágios das primeiras combinações de sinais surgem por volta dos 2 anos nas crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV (Sujeito-Verbo), VO (Verbo-Objeto) ou, ainda, num período subsequente, SVO (Sujeito-Verbo-Objeto). Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. De acordo com as teorias analisadas, não há possibilidade de aprender uma língua sem ter uma linguagem. E é nesse posicionamento que o estudo mencionado caminhou, uma vez que as crianças surdas devem desenvolver consistentemente uma linguagem, para que possam aprender tanto a Libras como a língua Portuguesa.

A pesquisa mostrou também que a aquisição deve partir sempre de uma prática visual, pois o esforço auditivo e a insistência na oralização do surdo devem ser evitados nessa etapa de desenvolvimento da linguagem. Notou-se que é importante o conhecimento da Libras por parte dos professores, a fim de que o docente possa conduzir o seu ensino.

Dessa forma, o docente precisa dispor desse conhecimento para que possa transmitir o aprendizado ao aluno surdo sempre se utilizando de metodologias e estratégias com materiais adaptados e de maneira visual.

Observa-se através dos textos que os recursos visuais se destacam em sala de aula e a diversidade humana é considerada.

A inclusão dos surdos na sociedade representa grandes oportunidades para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional das pessoas, e essa inclusão para os surdos começa na educação, meio no qual facilmente já se identifica o protagonismo surdo representado por estudantes independentes com grande autonomia, lutando por seus direitos e convicções, exercendo a cidadania em sua forma mais plena.

Na Educação Infantil, a estimulação linguística ocorre a partir da detecção da surdez. A escola também é responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), em que se trabalha o reforço com materiais adaptados para auxiliar no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças surdas. Os professores devem trabalhar com metodologias extremamente visuais no processo de aquisição de linguagem, com aulas expositivas, utilizando imagens, vídeos e recortes, entre outros.

## 2.4 A Descolonização das Línguas de Sinais

Em face da política governamental nacional dita inclusiva, na teoria e em minha própria experiência nesse sistema, podemos refletir que essa tem se apresentado mais como uma política de inclusão somente física dos sujeitos surdos nos espaços educacionais ouvintes. Todavia, nós, sujeitos surdos, vivenciamos uma exclusão linguística de fato, haja vista a enorme lacuna logística e humana para sua efetivação, posto que a política de Estado a estabelecer os marcos legais da língua de sinais é a mesma que, em nome de certa unicidade totalizante, não prepara o sistema educacional para integrar, de fato, os alunos surdos à comunidade estudantil.

Dessa forma, como grupo etnicamente diferenciado, é negada a essa comunidade uma representatividade nas instâncias decisórias relativas à educação, posto não haver consulta aos representantes desses quanto à implementação de políticas que os afetam em suas peculiaridades étnicas.

Tais questões na prática aparecem, pois, como lacuna, de outra forma podemos dizer, *até, como verdadeiro fosso que mantém sistematicamente, a separação dos* falantes através da barreira linguística, fazendo com que os

estudantes surdos continuem alienados da construção do conhecimento, bem como de uma formação de qualidade. Efetivamente, observa-se a carência de professores bilíngues, professores surdos e intérpretes qualificados em todas as instâncias educacionais, mantendo, assim, uma suposta inclusão de fachada.

Então, o associativismo tem sido um estímulo para inserir essa perspectiva inclusiva na luta dos surdos em âmbito nacional. Com o surgimento de um movimento nacional apoiado pelo INES[1], a FENEIS[2] e demais associações estaduais e municipais, conseguiu-se a aprovação de leis e decretos que, em diversas instâncias, asseguram aos sujeitos surdos o reconhecimento legal de sua língua e o direito de usar a Libras nos espaços públicos, bem como o direito de dispor de intérpretes nos espaços educacionais.

Nesse contexto é que surgiu o Movimento Surdo de Rondônia, a partir do Movimento Surdo Nacional na luta pelas escolas bilíngues no ano de 2011, após uma grande manifestação em Brasília, a qual reuniu surdos de todo o país, mobilizados em protesto contra as políticas educacionais do Ministério da Educação, unificando assim a sociedade civil organizada em favor de sua luta comum.

Data dessa mesma época o surgimento da Associação dos Surdos de Porto Velho (ASPVH), cuja primeira presidente foi a surda Indira Stédile, associação essa da qual hoje sou presidente. Também surgiu a Associação de Parentes, Professores, Amigos e Intérpretes dos Surdos de Rondônia (APPIS-RO) que já teve como presidentes os intérpretes Ariana Boaventura (presidente fundadora), Marcus Loureiro e Willian Sestito (presidente atual), os quais também organizaram uma mobilização simultânea para somar à manifestação de Brasília aqui na capital Porto Velho.

Nesse mesmo período, também, o mês de setembro ganhou caráter comemorativo virando o *Setembro Azul*, marcando desde então, e de forma importantíssima, a vida dos surdos, pois a data de 26/9 passou para o calendário como o Dia Nacional dos Surdos, sendo que 30/9 é o Dia Internacional dos Surdos.

Dessa forma, o mês de setembro comemora duplamente as lutas e conquistas do povo surdo, alinhando ainda tais comemorações à cor azul,

---

[1] INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos.
[2] FENEIS: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

símbolo da comunidade surda em todo o mundo e cuja iconografia simbólica (laço) remete também ao conceito de Ser Surdo. Assim, o mês de setembro é marcado por eventos, realização de seminários, palestras, apresentações teatrais, passeatas, audiências públicas, exposições, festas, entre outros, nos diversos estados brasileiros.

Segundo Hall, esse tipo de transformação acompanharia a tendência em direção a uma maior interdependência global, sob a qual colapsaram todas as identidades culturais fortes e, ao mesmo tempo, produziu-se a fragmentação de seus códigos culturais (2011, p. 73). Podemos vislumbrar tal fato aparentemente ao perceber que dentro ou fora do movimento surdo muitos ouvintes se tornam simpatizantes da comunidade no contato com a Libras, mas, em especial, no contato com seus integrantes; aliás, nesse sentido, muitos desses simpatizantes até se tornam ativistas da causa surda.

A Associação de Surdos e de Intérpretes de Porto Velho, que já havia se mobilizado por meio de ações afirmativas em prol da comunidade surda local, ganhou então força e foco político a partir dessa grande mobilização geral, e, como parte dessa luta junto ao Executivo e Legislativo, conseguiu aprovar a Lei de Libras municipal. Com isso, deu-se a criação e implantação da primeira escola bilíngue da região Norte, as leis municipal e estadual que reconhecem a profissão de intérprete. E se conseguiu, ainda, fazer com que os concursos para tradutor/intérprete ocorressem na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa, possibilitando assim o acesso de vários surdos ao ensino superior nas instâncias públicas e privadas, conquistas essas que se deram não sem uma luta contínua.

Como parte desse esforço no setor educacional, a Associação de Surdos, por intermédio de seus membros, conseguiu ocupar lugares emblemáticos para a comunidade surda na Educação Superior, primeiramente como intérpretes e depois como professores surdos e ouvintes bilíngues, abrindo caminho para a implantação do curso de Letras - Libras na única universidade pública de Rondônia, à época, a UNIR.

Nesse contexto, e por iniciativa dessas associações/intérpretes, foi criado um projeto específico para a área, o UNIR Azul, cujo objetivo principal é o acesso dos surdos à Universidade. O reflexo dessa luta impactou positivamente vários setores daquela IFES, por exemplo: o Mestrado em Letras, além de alunos

surdos, tem vários trabalhos de dissertação na área de Libras, inclusive, a professora surda Indira Simionatto Stédile Assis Moura entrou para a história da comunidade como a primeira surda mestre em Rondônia, abrindo caminhos para outros surdos, tais como: Amarildo Espíndola e Magno Prates, os quais já concluíram seu mestrado, tendo, ainda, a professora surda Greice Kelly Nascimento e eu, Danilo Ramos, que estamos estudando na fase final do mestrado.

Dessa forma, o Mestrado em Letras da UNIR, em função da quantidade e qualidade de trabalhos na área de Libras (atualmente há 20 dissertações defendidas e três em fase final)[3], e pelo acesso desse quantitativo de surdos (três mestres e dois mestrandos), tornou-se referência da região Norte. Assim, tem proposto um caminho que pode apontar novos rumos na Educação Superior do povo surdo frente às demais IFES.

Perceber e reconhecer a UNIR como referência na região Norte, no entanto, vai além desses dados iniciais, haja vista que o Departamento de Libras é composto por 50% de docentes surdos e 50% docentes bilíngues em Libras. Para tanto, foi criado um sistema pioneiro denominado BTILS[4] visando atender às demandas surgidas, bem como para dar conta da demanda dos surdos estudantes do mestrado, com a entrada de vários alunos surdos nos cursos de graduação.

Na atualidade, temos uma comunidade na UNIR, composta por docentes surdos, alunos surdos, intérpretes efetivos, bolsistas, docentes bilíngues e discentes ouvintes, os quais viraram amigos de surdos, sendo aceitos nessa comunidade, assim como outros docentes que aceitaram orientar surdos e que, de alguma forma, se envolveram com a Libras, contribuindo na formação dessa comunidade, investindo assim em sua continuidade e fortalecimento.

Participar ativamente de um movimento social na luta pelos direitos do povo surdo se afigura, no entanto, como uma batalha que mal começou e deve durar por várias gerações. Daí a necessidade de formação de novas lideranças e o fomento de uma educação de qualidade para os alunos surdos envolvendo

[3] http://www.mestradoemletras.unir.br;
[4] Bolsa Intérprete: proposta feita pela chefe do Departamento de Libras, à época, a professora Ariana Boaventura, consolidada pelo apoio do professor Ari Ott, então reitor.

também professores e docentes ouvintes num esforço de fortalecimento dessa comunidade em seus anseios de conhecimento e cidadania.

Considerando-se as enormes dificuldades que têm sido superadas ao longo dos anos quanto às reivindicações dos surdos e os entraves de implantação de políticas públicas favoráveis pelos governos, trata-se de uma luta muitas vezes desgastante. Porém, o resultado dessas conquistas, embora seja lento e gradativo, não é desanimador, pois o Movimento Surdo Nacional, articulado aos movimentos locais, tem demonstrado sua força pela união e defesa de ideais comuns fomentando a mobilização constante dessa comunidade em prol de novas conquistas.

É necessário, pois, ampliar o debate entre todos os surdos sobre o valor da luta por essa identidade frente à sociedade envolvente, pois essas *"não são e nunca serão unificadas... porque são irrevogavelmente produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo a várias 'casas' – e não a uma casa particular"* (HALL, p. 89, 2011). Gladis Perlin chama essa de Identidade híbrida, pois a maioria dos surdos é constituída de filhos de pais ouvintes e, mesmo sofrendo grande influência do mundo ouvinte, identifica a Libras e a comunidade surda como lugar de pertencimento.

Apesar de a diversidade surda ser quase sempre um complicador devido às divergências entre surdos oralizados e não oralizados, é possível acreditar em direitos comuns assegurados, independentemente da sua classificação de DA (Deficiente Auditivo), ou surdo, pois juntos, unidos, todos podemos conquistar novas vitórias com luta e articulação envolvendo a comunidade surda de cada lugar.

Por meio de uma perspectiva culturalista, que intentou percorrer um trajeto pessoal relacionado à política educacional vigente, podemos atestar a importância crescente das comunidades surdas no Brasil e no mundo. Afinal, estamos certos de que somente pelo posicionamento engajado dos próprios atores sociais surdos, bem como com o incentivo das novas gerações de tradutores e intérpretes fazendo a ponte entre as comunidades surdas e a sociedade ouvinte, é que se conseguirá gerar a consolidação das posições de força dessa comunidade.

Por meio de tais estratégias e desse enredo em construção, a contribuição do movimento surdo local e nacional possibilita ver o "povo surdo" instituir-se

enquanto sujeito de espaços dialógicos que contribuem para a construção do conhecimento na luta por uma Libras autônoma como primeira língua. Para tanto, como é óbvio, enfrenta as tensões provocadas pelas abordagens colonizadoras, sejam elas referentes à língua portuguesa ou às metodologias educacionais, afirmando sua prioridade linguística para a comunidade surda e lutando para que a Libras se constitua de fato enquanto segunda língua para a maioria dos brasileiros, surdos ou não.

O resgate histórico a partir dessas iniciativas reveste-se de uma perspectiva etnográfica singular, com o reconhecimento duplo dos surdos brasileiros à sua comunidade de pertença, sua língua própria, a Libras, e, ao mesmo tempo, enquanto parte da comunidade linguística nacional, cuja maioria é ouvinte e tem o português como primeira língua.

Nesse sentido, há de se considerar que a história para o povo surdo é transmitida entre seus pares numa língua própria, com modalidade visuoespacial. E seu registro histórico tem sua validade enquanto certa "oralidade" através de uma "visualidade sinalizada" a ser devidamente legitimada pela comunidade acadêmica, a qual, ao referendar tal instrumentalidade, estaria cumprindo a função social da Universidade.

Assim, essa narrativa, ao emergir como instrumento ou categoria de construção dos sujeitos que se apropriam da própria história por meio de sua primeira língua, a Libras, intenta inscrevê-la no campo dos estudos surdos enquanto perspectiva singular. Mas isso sem, no entanto, pretender esgotar todas as visões sobre essa temática e sim, a partir dessa, buscar alargar a perspectiva historiográfica regional legitimando junto à sociedade sua veracidade peculiar enquanto instância válida e identitária.

# SEÇÃO III - METODOLOGIA DA PESQUISA

## 3.1 Pressupostos e Premissas da Pesquisa

Nesta seção, intentamos apresentar os pressupostos metodológicos dos estudos pós-críticos na construção do estudo envolvendo a vontade de saber do pesquisador na elaboração do projeto, a seleção de autores para compor nosso referencial teórico e as estratégias para a produção de dados junto à comunidade surda de Porto Velho. Entendemos todo esse processo como algo dialógico e dialético.

O processo dialógico consiste na autoconsciência de que o fazer científico em Ciências Humanas implica na relação entre sujeitos que firmam acordos intersubjetivos, mas não no abstrativíssimo entre sujeito e objeto aos moldes das práticas de pesquisa em Ciências Naturais.

Nesse sentido, a relação dialógica se dá entre sujeitos da pesquisa pelas vozes que compõem a fundamentação teórica e pelo ato reflexivo do pesquisador como sujeito consciente, o qual enuncia, neste estudo, como a pesquisa foi feita, quais os participantes e que resultados conseguiu obter.

O processo dialético da pesquisa consiste em não apresentar ou estabelecer uma verdade absoluta, por outro lado, chegamos a um determinado desfecho submetendo-o a outros olhares, saberes e sabores para que, a partir desse desenlace, surjam outras possibilidades de questionamentos e pesquisas.

A metodologia utilizada incorpora as contribuições dos estudos pós-críticos as quais permitem que seja o conhecimento constituído juntamente com um processo sobre autoconhecimento do pesquisador no seu despertar científico. Esse despertar científico é justamente a valorização dos elementos subjetivos e intuitivos do universo cultural do pesquisador na escolha do tema, na elaboração da proposta de pesquisa, nas escolhas bibliográficas, na produção dos dados e na interpretação desses.

Os pressupostos da pesquisa são sustentados pelo estudo de Francielle Cantarelli Martins e Marianne Rossi Stumpf (2016), com base em terminologias lexicográficas para o uso de sinais-termos, contribuindo para descrever conceitos e palavras específicas de diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. Trata-se de uma área do saber científico que estuda os conceitos de diversos campos, ao mesmo tempo, documentando e divulgando o uso correto dos termos em cada área. A terminologia dos sinais-termos é praticada em

diversas áreas do conhecimento lexicográfico na forma de métodos e atividades voltados para a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos. Como produto, é um conjunto de termos (ou vocabulário).

A princípio, buscamos criar uma bacia semântica de nomes dos bairros de Porto Velho com o propósito identificar na configuração de sinais dos seus nomes tendo por base estudos e pressupostos teóricos de Gesser (2009). De fato, a autora reconhece essa iconicidade como uma das características semelhantes que o ícone (símbolo) tem em comum com o objeto que os representa, neste caso, o nome dos bairros.

Por ser a Língua Brasileira de Sinais uma língua de modalidade visuoespacial, reconhecemos que a iconicidade está presente em grande parte das configurações dos sinais de Libras na sua relação entre a “forma” e o “sentido” das configurações de sinais.

Para reconhecimento da iconicidade nessa configuração de sinais dos nomes de bairros de Porto Velho, identificamos a linha teórica de Gesser (2009), segundo a qual “os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra”. E isso nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um acordo coletivo entre os falantes de uma determinada comunidade.

Com isso, apesar de a iconicidade estar mais presente na língua de sinais, não podemos considerar essa uma característica exclusiva das línguas visuoespaciais, pois nas línguas orais auditivas ela também está presente.

Com base nesses pressupostos, a autonomia que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa assumem no ato de pensar e trabalhar procurou se basear no referencial dos estudos pós-críticos, por meio dos quais os próprios pesquisadores questionam e colocam em dúvida o caráter normativo dos métodos de pesquisa tradicionais.

Levantam-se, pois, os questionamentos: quem é o pesquisador?; quais suas visões de mundo?; como essas visões de mundo se inter-relacionam com as visões dos sujeitos que também participam da pesquisa?; que novas abordagens essa perspectiva de pesquisa pode trazer para determinado campo de saber?

Dessa forma, o fazer científico vai sendo relativizado no enfrentamento de questões que vão desde o problema da pesquisa até os diálogos teóricos, as

limitações intrínsecas dos contextos histórico-sociais vividos pelos sujeitos e a pesquisa, que pode, ou não, criar metodologias ou métodos de geração de dados.

Segundo Gastaldo (2014, p. 11), esse percurso tem seu amadurecimento por intermédio das múltiplas formas de usar a criatividade como essência da pesquisa qualitativa numa perspectiva pós-crítica. Trata-se de uma proposta inovadora, pois se apresenta em parte como desconstrução das normas cartesianas, traz consigo outros desafios para o estudo, de modo que seus formuladores/executores começam a perceber como se movem os sujeitos da pesquisa e como descrevemos tais práticas metodológicas na relação com esses conceitos, teorias e a percepção da realidade desses sujeitos.

A metodologia de pesquisa na perspectiva pós-crítica busca novos moldes das produções científicas procurando identificar as relações entre sujeito e sujeito como opção de fazer ciência, pensando e enfrentando os próprios limites e possibilidades das produções acadêmicas.

Ao reconhecer os limites das pesquisas acadêmicas, dialogamos em busca do conhecimento, sem ocorrências entre sujeito e objeto, mas entre sujeito e sujeito, buscando identificar a produção do conhecimento relacionada à trajetória de vida do pesquisador, bem como suas experiências relacionadas à sua cultura e identidade.

Portanto, não buscamos com esta pesquisa fazer a coleta de dados, mas a construção desses dados, considerando o conjunto de vivências do pesquisador, que nos convida a transformar nossas concepções na busca do conhecimento, inseridas em novos desdobramentos criativos a partir dos quais nos apropriamos de novas perspectivas sob a percepção do olhar pesquisador.

Essa modalidade de pesquisa segue caminhos baseados em pressupostos e premissas dos estudos surdos, o que nos alimenta de forma criativa. Com efeito, uma busca permanente da cultura e identidade dos sujeitos surdos nos permite ampliar os modos de ver o outro e a nós mesmos. É um processo de desconstrução dos padrões tradicionais de pesquisar e dialogar com o outro.

Aqui, portanto, nos permitimos “pesquisar sem um método previamente definido ao qual se deveria seguir” (PARAÍSO, 2012, p. 25). Nessa perspectiva, a pesquisa se realiza no caminhar com os sujeitos do estudo, é um processo

dialógico que promove um estado de metamorfose cujos sujeitos surdos exercitam sua prática em suas trocas intersubjetivas, interculturais e nas relações com o mundo por meio da linguagem gestual-visual das línguas de sinais.

### 3.2 Sujeitos da Pesquisa

A metodologia pós-crítica revela que tanto o pesquisador quanto as pessoas que a constituem são sujeitos, permitindo assim que haja a relação eu e tu, e que as alteridades em jogo sejam valorizadas no processo de desenvolvimento da pesquisa, podendo encontrar lugar no corpus da mesma, num processo desencadeado em forma de colaboração mútua. Então, deve-se levar em consideração que há uma grande relevância nos resultados da pesquisa para a comunidade surda local, de modo a prover acesso a esses registros e compartilhá-la como acervo cultural e linguístico dos surdos em sua relação intercultural com a cidade de Porto Velho.

A presente pesquisa foi realizada com apoio das tecnologias que facilitam os processos de comunicação e expressão em tempo de modernidade tecnológica. Para as comunicações rápidas, como produção de vídeos e reuniões, reconhecemos que os sujeitos surdos têm se apropriado dos recursos tecnológicos como forma de se posicionar frente à diversidade cultural do mundo ouvinte, bem como de produzir seus próprios acervos culturais.

Nesse contexto, podemos afirmar que as tecnologias da comunicação e expressão também ajudam os surdos a produzir, reconhecer e dialogar com as alteridades por meio das conexões identitárias, o que contribui para elaborar suas pautas políticas e culturais.

> No caso do sujeito surdo, é relevante mencionar que a tecnologia proporcionou visibilidade e cidadania a esta parcela da sociedade. Se pensarmos apenas na possibilidade do envio de mensagens via SMS nos celulares, disponibilizada no Brasil desde 1998, já perceberíamos um enorme benefício na comunicação desses sujeitos. Mas, principalmente, com a possibilidade de se comunicar por vídeos proporcionando o uso e o registro da Libras de uma maneira nunca experimentada, a comunidade surda começa a registrar e preservar a sua história em Libras (SOUZA, LIMA e PÁDUA, s/d).

Nesse cenário, é possível perceber que tanto o sujeito surdo quanto os estudos surdos que primam pela valorização de sua cultura e identidade se fortaleceram no decorrer dos anos e hoje constituem acervos riquíssimos de informações e conhecimentos disponibilizados na internet em forma de artigos, dissertações e vídeos. Essa produção nos mais diversos formatos é um modo de refletir sobre a cultura e identidade surda local. Do ponto de vista da diversidade cultural, parece estar intimamente ligada a outras identidades surdas, de outras regiões que revelam, também, outras experiências históricas. Essas conexões vêm promovendo relações interculturais que têm fomentado nos surdos o desejo de se compreenderem como sujeitos constituídos nas interações sociais da língua de sinais gestual-visual.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou envolver os sujeitos surdos em um diálogo sobre o espaço urbano local, na perspectiva de poder inspirar outros surdos em outras localidades a pensar seu espaço e se apropriarem da vivência local interiorizando-a, significando e ressignificando para empoderamento, não apenas da língua de sinais como também da diversidade de linguagens dos sujeitos surdos.

Assim, a pesquisa envolveu surdos moradores de Porto Velho postos na condição de interlocutores, na criação e identificação de sinais iconográficos. Da pesquisa também participaram tradutores e intérpretes de Libras que moram e conhecem a história dos bairros. Esses elementos foram utilizados para compreensão das motivações no momento da criação dos sinais que se dividem em icônicos e arbitrários.

### 3.3 A Produção de Dados da Pesquisa

A produção de dados aconteceu em um processo dialógico com a comunidade surda através de redes sociais, utilizando o Whatsapp, levando em consideração que os dados foram produzidos durante o período de pandemia da covid-19. Dessa forma, para resguardar a segurança sanitária e a continuidade da pesquisa, nos utilizamos intensamente dos recursos tecnológicos disponíveis para identificar os sinais utilizados na nomeação dos bairros no contexto da língua de sinais, levando em consideração a cultura e identidade de Porto Velho.

Para a produção dos dados, foi criada uma comunidade interpretativa com a presença de surdos e intérpretes da comunidade surda de Porto Velho. Os objetivos da comunidade interpretativa foram: 1. Listar os nomes dos bairros mais tradicionais de Porto Velho; 2. Formar um grupo pesquisador com surdos e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais que utilizam os sinais-termos dos nomes dos bairros em Libras; 3. Registrar os sinais-termos dos nomes dos bairros, com a descrição iconográfica da configuração dos sinais; 4. Criação de uma ficha para os sinais-termos com: nome do bairro em português, conceito histórico sobre a origem do nome, sinal do em Libras, descrição iconográfica da configuração do sinal; 5. Validar os sinais-termos com a equipe de Glossário em Libras.

A presente metodologia de pesquisa terminológica (dicionário, vocabulário, glossário) foi adaptada da pesquisa voltada para a coleta e registro de sinais-termos psicológicos para Glossário de Libras do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, um trabalho realizado por Francielle Cantarelli Martins sob a orientação de Marianne Rossi Stumpf (2016). Tais pesquisadoras asseguram, com isso, que cada trabalho não deve exigir uma metodologia única, pois é possível adaptar metodologias considerando as circunscritas e traçadas às necessidades de cada pesquisa.

Nesse sentido, fizemos as adaptações necessárias para o contexto dos estudos surdos no contexto amazônico do Estado de Rondônia. O resultado poderá ser utilizado pelos tradutores/intérpretes, pesquisadores e outros profissionais da área da pesquisa, tais como: dicionários e glossários técnicos de Libras. Apresentamos, na sequência, as estratégias para registrar os sinais-termos em Libras nesta pesquisa.

### 3.4 Procedimentos da Análise dos Dados

A análise dos dados ocorreu com base numa bacia semântica de sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho. Os sinais identificados foram analisados com base em configurações dos sinais, visando identificar as representações iconográficas presentes nesses sinais e considerando que os sinais icônicos e os arbitrários podem ou não sofrer influência da língua

portuguesa. Neste prisma, em tal estudo se optou por utilizar a consulta em configuração de mão, português.

O propósito não foi analisar os sinais convencionados pela comunidade surda de Porto Velho. Outrossim, a pesquisa não se dedicou ao aprofundamento na complexidade que envolve os sinais produzidos, mas na identificação de sinais-termos e no registro desses sinais, considerando que em uma pesquisa futura se poderá aprofundar a análise fonética ou fonológica. Assim, após os registros, buscamos apenas a identificação das representações icônicas com base em cinco etapas:

**Etapa I** - A primeira etapa para a coleta dos sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho foi feita com base na realização de um fórum on-line em uma rede social, com surdos e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, isto é, um grupo fechado em interação com o grupo pesquisador, composto por surdos e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais.

**Etapa II** - Análise e configuração dos sinais-termos dos nomes dos bairros, para identificar a presença de iconicidade presente na configuração dos referidos sinais. Decidimos refletir sobre critérios que poderiam ser utilizados na pesquisa para identificar os sinais-termos, mas não encontramos nenhum material bibliográfico que pudesse servir de auxílio nessa etapa. Foram utilizadas apenas as experiências de surdos e intérpretes para identificação dos sinais.

**Etapa III** - Coleta de sinais-termos em vídeo, os quais os participantes enviaram para o grupo via Whatsapp. Questionamos quais sinais eram utilizados para cada nome de bairro e os participantes enviavam vídeos contendo os sinais mais conhecidos, pois os participantes têm a Libras como língua natural, que é uma língua visual-espacial.

**Etapa IV -** Os sinais coletados formaram uma bacia semântica de sinais-termos que foram colocados numa ficha terminológica com: nome do bairro em português, conceito histórico sobre a origem do nome, sinal do nome em Libras e descrição iconográfica da configuração do sinal.

**Etapa V** - Os sinais-termos foram levados para o grupo pesquisador formado, a fim de se apreciar os sinais e as definições propostas. Após a explicação, ocorreu um processo de validação pela equipe, formada por pesquisadores e tradutores/intérpretes que fazem parte da comunidade surda de Porto Velho.

Com essa base nos pressupostos mencionados, e fundamentados em Karnopp (2016), compreendemos que ao estudar as línguas de sinais estamos estudando as relações entre a linguagem e a sociedade. Isso porque a linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata também a existência da diversidade de linguagem que a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelos diferentes modos de usar a língua de sinais. Para nominar essas diferentes maneiras de configurações de sinais, utiliza-se a denominação “variedade linguística”.

De todo modo, o estudo desses sinais-termos ainda se encontra em processo de consolidação, por isso esperamos que tal pesquisa possa contribuir no desenvolvimento de outros estudos, e, esses, disponibilizados aos poucos para a comunidade surda acadêmica brasileira.

Esperamos, assim, que o Glossário de Libras contribua para a divulgação dos sinais-termos específicos dos nomes dos bairros da cidade de Porto Velho, principalmente para área de Terminologia da Libras. Os sinais-termos deste estudo estão inéditos, mas pretendemos postar tão logo a pesquisa chegue à sua conclusão e o Glossário de Libras seja consolidado no contexto do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia.

# SEÇÃO IV - RESULTADOS DA PESQUISA

## 4.1 A relação dialógica do pesquisador com a pesquisa

Os resultados deste estudo têm sua fonte na relação dialógica entre o pesquisador e todos os elementos que constituíram os desdobramentos possíveis para os resultados aqui presentes. Os estudos pós-críticos nos proporcionaram a dialogicidade entre as vozes e as vivências que constituem este trabalho acadêmico, assegurando a reconstrução do percurso que nos encaminhou para o atual momento de apresentação dos resultados da pesquisa.

Considerando que toda reconstrução traz dentro de si elementos intersubjetivos de sujeitos localizados no tempo e no espaço, vislumbramos a abertura de oportunidades para que haja uma retomada de até onde conseguimos chegar, posto não termos a pretensão de estipular um resultado preciso ou exatidão teórico-metodológica. Por outro lado, chegamos a um desfecho da pesquisa submetendo-o a outros olhares, saberes e sabores, para que, a partir desse desenlace, surjam outras possibilidades de questionamentos e desdobramentos.

## 4.2 Os registros dos sinais-termos

Os registros dos sinais-termos dos bairros de Porto Velho foram elaborados tendo como arcabouço teórico os pressupostos apresentados por Prometi, Costa, Tuxi (2015), Marianne Rossi Stumpf (2016) e Tuxi dos Santos (2017). Esses autores revelam que os estudos voltados para a área de Terminologia, tais como o conjunto de diretrizes e princípios que regem a compilação, formação de termos e estruturação de campos conceituais, teriam surgido a partir da necessidade de se estabelecer os elementos necessários e básicos para construção de glossários bilíngues da língua de sinais. Seu objeto, no caso, é o de estudo sinais-termos de áreas específicas que ainda não dispõem de configuração na Língua Brasileira de Sinais.

Para a compreensão do processo de criação de conceitos e significados do uso de sinais-termos numa perspectiva bilíngue e intercultural, torna-se necessário uma melhor compreensão dos sinais-termos nas mais diversas áreas da produção do conhecimento. Nesta perspectiva, Prometi, Costa, Tuxi (2015) comentam que o vocabulário é a principal ferramenta na construção de um sinal-

termo, pois a contribuição individual faz com que determinados sinais-termos desconhecidos sejam revelados, originando novos sinais para um repertório lexicográfico.

> O termo sinal-termo é para designar um sinal que compõe um termo específico da LSB, sob a fundamentação teórica da Lexicologia e da Terminologia. Esse conceito determina que as técnicas para a elaboração de repertórios lexicográficos têm de seguir mecanismos de registro da ficha terminológica, que é o banco de dados para registrar as informações em vários contextos de uso (PROMETI; COSTA; TUXI, 2015, p. 1).

Por outro lado, Martins e Stumpf (2016) apresentam como pressupostos teóricos para a criação de sinais-termos a escassez de sinais para os de ordem técnica, os quais são identificados em língua portuguesa nas diversas áreas da produção acadêmica, posto não haver ainda na língua de sinais a configuração desses sinais.

As autoras argumentam ser possível convencionar sinais de termos técnicos para atender às necessidades dos processos de ensino-aprendizagem em contextos da educação básica e do ensino superior. Por conta disso, as pesquisadoras iniciaram uma proposta para criação de um glossário bilíngue na área de psicologia na UFSC, que atendesse não somente aos acadêmicos, mas que contribuísse também com toda a comunidade surda.

> A presente pesquisa se justifica pela falta de terminologias científicas em Libras, o que interfere na negociação de sentidos e dos conceitos por tradutores/intérpretes, docentes, discentes e profissionais. A difusão de sinais-termos da área de Letras - Libras é muito recente e, embora quase todos os termos já tenham sinais, ainda faltam alguns em áreas específicas, como a da Psicologia (MARTINS; STUMPF, 2016, p. 39).

No contexto das pesquisas na área voltadas para a elaboração de sinais-termos, Tuxi dos Santos (2017) nos mostra que a história da pesquisa na área de Terminologia se confunde com o momento em que as pessoas começam a trabalhar na organização de suas línguas com a utilização do recurso de construção de gramáticas e dicionários.

Ela nos mostra que nesse período a Terminologia ainda não era reconhecida como uma área de estudos ou como disciplina no espaço de pesquisas acadêmicas. No contexto referido, a Terminologia ganha autonomia

nas áreas de Botânica, Zoologia e Química por meio do avanço de estudos nessas esferas científicas, culminando com o aparecimento de novas necessidades encontradas nas investigações científicas de cunho taxonômico, as quais tinham por objetivo classificar e categorizar as “nomenclaturas” criadas em tais áreas do conhecimento.

Com base nos pressupostos apresentados por Tuxi dos Santos (2017), sustenta-se que as pesquisas em Terminologia ou de cunho terminológico existem desde o século XVI, em decorrência das necessidades que os estudiosos tinham em padronizar a linguagem especializada de forma concisa, clara e com amplo reconhecimento no mundo das ciências. Nesse rumo é de se destacar que o que interessa aos estudos terminológicos são as descrições dos objetos, as denominações das coisas que surgiam demandando termos que compusessem a realidade sociocultural.

No contexto brasileiro, Tuxi dos Santos (2017) lembra que Enilde Faulstich foi a primeira pesquisadora no Brasil a apresentar um estudo teórico aplicado sobre a socioterminologia[5], revelando a trajetória social da Terminologia, assim como os aspectos históricos relativos ao registro dos termos em obras lexicográficas, os quais nos permitem a constituição de três fatos considerados determinantes na cronologia da Terminologia.

> 1 - O registro da Terminologia na história das línguas dá-se antes mesmo do reconhecimento da área como disciplina no universo acadêmico. Esse feito evidencia o valor do uso dos termos para a comunicação no mundo todo;
>
> 2 - A criação de novas terminologias normalmente indica que o processo científico e tecnológico está em desenvolvimento, seja em determinada língua, povo ou cultura. Assim, para que esses novos termos perdurem, eles precisam continuar a passar pelas etapas de elaboração, análise, consolidação, entre outras, visto que esse contínuo desenvolvimento gradativo do saber é essencial para a interação entre as diversas áreas e esferas do conhecimento. É por esse motivo também que a Terminologia tem um caráter interdisciplinar, afinal, ela não é apenas um instrumento de caráter normalizador, mas sim um mecanismo de uso funcional caracterizado pela variação linguística presente nos espaços sociais.

[5] Faulstich define ‘socioterminologia’ como prática do trabalho terminológico que se fundamenta na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem. Também é definida como uma disciplina descritiva que estuda o termo sob a perspectiva da linguística na interação social.

> 3 - A organização terminológica de uma língua é o passo determinante para se estabelecer o desenvolvimento de uma política linguística. Um exemplo disso são as línguas minoritárias que manifestam em si conceitos constantemente contrastivos à língua majoritária, em especial, no tocante aos estudos científicos dos termos dessas línguas (TUXI DOS SANTOS, 2017, p. 30).

Dessa forma, Tuxi dos Santos (2017) assegura que a criação de novas terminologias geralmente demonstra avanços no processo científico e tecnológico. E isso também pode ser relacionado com as línguas de sinais, em determinado espaço e tempo, em que os povos surdos adentram novos campos do conhecimento sobre o mundo que os cerca e de como a relação sujeito-espaço traz implicações para a língua e linguagem ao expressar a cultura dos povos surdos.

É, pois, com base nesses pressupostos que buscamos ancorar os resultados desta pesquisa voltando-a para o mapeamento dos sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho, com a finalidade de registrar os sinais existentes para uma análise descritiva dos dados produzidos.

Portanto, os resultados que passamos a apresentar estão amparados nos pressupostos teóricos anteriormente apresentados, tendo em vista que não se tratou apenas de registrar os sinais existentes, mas de seguir na direção do estabelecimento da construção de diálogos e reflexões sobre as configurações dos nomes dos bairros. Desse modo, busca-se fazer uma análise descritiva para identificar as representações iconográficas presentes nessa configuração de sinais-termos, os quais revelam aspectos da cultural e identidade da comunidade surda da capital do Estado de Rondônia.

### 4.3 Mapeamento dos sinais dos nomes dos bairros

A importância do registro e estudo dos sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho consiste, pois, em prestar à comunidade surda informações sobre os vários aspectos de sua cultura e identidade na produção de linguagem com o uso da Língua Brasileira de Sinais.

Em primeiro lugar, buscamos abordar tais sinais-termos fazendo referência à cultura e identidade surda com base nos registros lexicográficos e

representações iconográficas nas configurações dos sinais que valorizam elementos da representação do sinal-termo relacionado à cultura e identidade vivenciadas nos espaços físicos e sociais de Porto Velho.

Dessa forma, buscamos registrar *uma bacia semântica de sinais-termos de Libras* para os nomes dos bairros de Porto Velho com base na cultura e identidade da comunidade surda. Nesse contexto, escolhemos para compor a referida bacia semântica os seguintes bairros: Centro; Caiari; Areal; Triângulo; Tancredo Neves; 4 de Janeiro; Aeroclube e Caladinho. Nos objetivos específicos, buscou-se realizar o mapeamento de palavras e termos relacionados aos bairros de Porto Velho; identificar os sinais-termos das palavras mapeadas com representações iconográficas relacionando-as à cultura e identidade surda; validar os sinais-termos com equipe de Glossário de Libras com surdos e ouvintes; publicar os sinais-termos validados num caderno pedagógico e na página do Glossário de Letras - Libras.

Os sinais-termos dos nomes dos bairros de Porto Velho tiveram seus nomes escritos em português e foram traduzidos para Libras com base nos conceitos de iconicidade presentes nas configurações dos sinais. Tal pesquisa se baseia nos pressupostos dos estudos surdos ancorados na cultura e identidade da história de Porto Velho, visando assim o empoderamento da comunidade surda local por intermédio da língua de sinais, na perspectiva gestual-visual das configurações de sinais.

No sentido de empoderar a comunidade surda frente à sociedade envolvente, composta majoritariamente de ouvintes, além de identificar os sinais correspondentes aos bairros, verificou-se a necessidade de contextualizar tais sinais a partir das práticas vivenciadas pelo pesquisador no seio da comunidade surda. Para tanto, leva-se em consideração o uso dos sinais na perspectiva dos processos de descolonização do saber e do poder, na qual a percepção de pessoa surda se traduz enquanto sujeito de sua própria história, cultura e identidade.

No referido contexto, a princípio, procurei identificar minha própria experiência e dificuldade enquanto ouvinte que nasceu e viveu parte da primeira infância em um lar ouvinte, situação essa que se modificou rapidamente após ter contraído meningite encefálica, cujas sequelas acarretaram a perda auditiva total. A partir de então, a exemplo de outras tantas pessoas que viveram (e

vivem) em condição similar, ingressei compulsoriamente no mundo dos surdos, sofrendo todo tipo de problemas para me adaptar à nova condição ainda quando criança, chegando à condição adulta enfrentando os desafios que a vida me impôs.

As narrativas etnográficas, presentes, visam também servir de exemplo à comunidade surda, não como ladainha de lamentos e vitimismo, mas como exemplo de uma vida carregada de percalços e superação com a qual outros surdos podem se identificar, incentivando-os a derrubar suas próprias barreiras, dentre essas, a maior, que é a língua do colonizador e seus preconceitos.

Para realizar o mapeamento dos sinais dos nomes dos bairros e a identificação das representações iconográficas dos sinais na tradução, verificamos que grande parte de tais nomes, em princípio, não tinha um sinal correspondente à cultura e identidade surda. E, como participante de um grupo de surdos e intérpretes que se reúne desde 2019, empenhado na catalogação e criação de sinais locais, foi possível efetivamente contribuir com a identificação das representações iconográficas relacionadas à história e cultura visuais presentes nessas configurações de sinais.

O resultado da bacia semântica registrada postula não apenas o direito à diversidade cultural, mas procura mergulhar nos limites e possibilidades de desenvolvimento linguístico da cultura e identidade dos sujeitos surdos. Nesse sentido, o pesquisador assumiu o papel de antropólogo da sua própria cultura e, através de seu olhar etnográfico, buscou contribuir para o crescimento cultural e linguístico da comunidade surda na perspectiva dos diálogos interculturais enquanto possibilidade de superação dos desafios da aceitação dessa identidade cultural surda em seu cotidiano.

Essa opção consolida-se na criação de um coletivo educador que, além de discutir seu objeto na condição de sujeito e sujeito da pesquisa, contribui para a construção de novas práxis de sensibilização para educação, identidade e cultura do povo surdo em Porto Velho. Afinal, esses são lugares de moradia, deslocamento e trânsito compondo parte da cultura imagética local relacionada à comunidade surda em sua relação com o ambiente urbano.

## 4.4 Representações iconográficas dos sinais

A emergência dos estudos em Terminologia tem se ampliado e constituído um território interdisciplinar e, por que não dizer, transdisciplinar, visto que é uma disciplina com suporte teórico e prático que se movimenta em várias áreas da produção acadêmica. Seguindo esse pensamento, fizemos a correlação da importância da Terminologia para o registro das expressões culturais e identitárias da produção de sinais-termos em línguas de sinais.

Segundo Santos (2007), os estudos do Léxico e da Terminologia na Língua Brasileira de Sinais se apresentam como um modelo inovador de registros de línguas emergentes que lutam por reconhecimento e validação de suas práticas culturais e identitárias com a produção de léxicos, registros e análises. Em nossa percepção, tais pesquisas vão muito além da língua, alcançando a produção de sentidos em suas práticas linguísticas e em suas relações de comunicação e de interação social.

Fundamentados na proposta de criação de sinais-termos, registros de antigos e novos termos, concebemos uma reflexão sobre a importância das expressões culturais das identidades surdas na validação desses termos. Em tal cenário, Teixeira (2021) nos mostra que uma língua de sinais é formada por sistemas de signos arbitrários instituídos por convenções sociais formadas por surdos, o que possibilita a criação de diversos processos de comunicação e expressão entre surdos e ouvintes.

Além disso, há sinais icônicos constituídos por meio da cultura e identidade de uma determinada sociedade, o que também revela a forma de ver o mundo do povo surdo. Com base nesses pressupostos, podemos reconhecer que a Língua Brasileira de Sinais não é apenas a língua natural da comunidade surda, mas reflete as singularidades do mundo surdo, no qual ser surdo é fazer parte de uma realidade visual com as experiências das identidades culturais da língua de sinais.

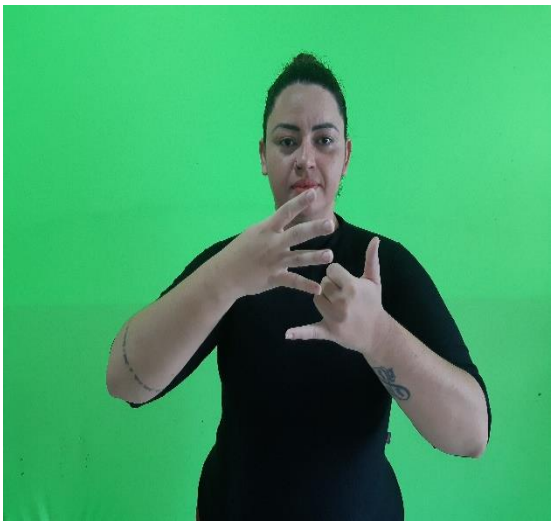
Segundo Strobel (2009), a cultura e identidade surdas se manifestam através de artefatos culturais presentes na vida desse povo. Tais artefatos são constituídos pela experiência visual, independentemente do nível de surdez. A pessoa surda desenvolve uma aguçada percepção visual do espaço cultural que

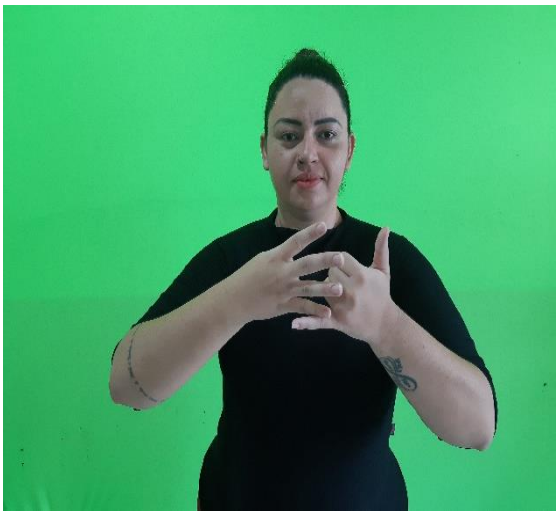
a circunda, apreendendo, dessa forma, elementos do ambiente, da história local e de suas vivências, tendo imagens visuais como representação do mundo vivido e compartilhado com outros surdos.

Por fim, passamos a descrever os elementos dessa identidade cultural dos surdos de Porto Velho, presentes na criação dos nomes dos bairros da cidade. A maioria dos nomes desses bairros tem a configuração de sinais que foi convencionada pelos próprios surdos moradores desses bairros.

Tais configurações de sinais apresentam representações icônicas e arbitrárias, que reconhecemos como artefato cultural dos surdos na constituição das línguas de sinais e, enquanto forma de manifestação das ideias, sentimentos e experiências do povo surdo, reveladoras da diversidade cultural dos contextos das interações sociais de onde vive.

Então, passamos a demonstrar o mapeamento da configuração dos sinais dos nomes dos bairros de Porto Velho, como expressão do povo surdo sob a ótica da cultura e identidade do ambiente amazônico.





Imagens 1, 2 - Configurações do nome do bairro 4 de Janeiro (1)[6]

[6] Imagens produzidas por Danilo Ramos, com configuração de mãos realizada pela surda Arine Holanda.

Na imagem 1, observa-se o sinal correspondente ao léxico que designa o bairro 4 de Janeiro. Nesse sentido, percebemos um sinal linguístico convencionado pela comunidade surda sem nenhuma relação visual com o bairro. É um sinal realizado através de empréstimo linguístico da configuração de mão em 4 e da letra J. Validamos esse sinal por corresponder a elementos linguísticos da Cultura Surda no sentido de ser elemento de linguagem que expressa também os elementos constituintes de Libras como os parâmetros que formam o signo linguístico.

Semelhantemente, temos a seguir um sinal que se realiza segundo os parâmetros das línguas de sinais, do qual também se pode afirmar que sua morfologia advém do empréstimo de número 4 e letra J e da configuração de mão.

Imagens 3, 4 - Configurações do nome do bairro 4 de Janeiro (2)[7]

É um sinal realizado por meio do empréstimo linguístico da configuração de mão em 4 e da letra J. Nós, surdos, não sabemos o significado do bairro e usamos a configuração de mão como empréstimo. Na época referida, usamos

[7] Imagens produzidas pelo intérprete de Libras Héverson Duarte de Souza, da comunidade surda de Porto Velho, com a configuração de mãos pelo pesquisador surdo Danilo Ramos.

esse sinal sem saber se era, de fato, o bairro e pensamos se tratar do nome da casa e explicamos onde os surdos moram de acordo com o sinal de cada um: Arine Holanda, Suzana Frota, Danilo Nonato, Lucas Santos, Leila Sena. Esses são os principais entre os surdos que moram nesse bairro.

Por outro lado, não podemos deixar de estabelecer relação de iconicidade com a língua portuguesa, posto que em um contexto semântico de linhas percorridas por ônibus circulares na capital esse sinal apresenta características de adivinhabilidade por ouvintes que saibam apenas o alfabeto ou estejam em um nível básico de comunicação com surdos. Dessa forma, o sinal cumpre sua função comunicativa entre surdos e ouvintes, servindo inclusive para estabelecer um marco visual entre as línguas em contato.

Imagem 5 - Configuração do nome do bairro Aeroclube (1)[8]

Tal sinal faz referência a práticas de paraquedismo que eram feitas em áreas desmatadas do bairro, então o validamos. Ele faz alusão ao contexto de lembranças dos antigos moradores que falavam que quando do desmatamento da área, antes do loteamento, esse espaço tinha sido utilizado como área de treinamento de paraquedistas. Dessa forma, o sinal reflete a iconicidade do formato do paraquedas caindo sobre um tronco de árvore; a mão dominante com

[8] Imagem produzida pelo pesquisador surdo Danilo Ramos, com configuração de mãos de Bruno Ualace Francisco Vaz Martins, surdo da comunidade de surda de Porto Velho.

a configuração em C, direção da palma da mão para baixo sobre a mão não dominante configuração em U, direção da palma da mão para fora.

Na configuração das imagens a seguir (6 e 7) podemos perceber que existe outra variante para o sinal do bairro Aeroclube: sinal realizado mediante empréstimo linguístico das iniciais da linha de ônibus Norte-Sul que circulava no bairro. Trata-se de soletrações de alfabeto manual, não havia sinal do bairro, nem sabemos se é o bairro, apenas suspeitamos que é um sinal alusivo ao percurso exclusivo percorrido pelo referido ônibus. Nesse sentido, utilizamos um empréstimo linguístico com as letras “N” e “S” e sabemos a qual ou quais bairros ou percurso se destina o sinal.

A iconicidade do sinal se relaciona com o contexto semântico e comunicacional em que as letras “N” e “S” são compreendidas com facilidade pelos interlocutores. Dessa forma, a iconicidade é inspirada na língua portuguesa para estabelecer o contato entre falantes ouvintes e surdos de Porto Velho.

Imagens 6, 7 - Configurações do nome do bairro Aeroclube (2)

O próximo nome que passamos a analisar trata-se do primeiro bairro de Porto Velho, o Caiari. O bairro mais antigo da história do município surgiu como o primeiro conjunto habitacional do Brasil, a partir do primeiro governador do Território Federal do Guaporé, Aluísio Ferreira, que nacionalizou a Ferrovia Madeira-Mamoré. Na configuração de mãos identificada para o seu nome,

conforme representado nas imagens 8 e 9 (1), nota-se uma representação icônica de suas ruas com ladeiras inclinadas. Realizamos a validação do sinal o qual faz referência ao bairro, pois este é considerado pequeno em comparação a outros, as ruas que dão acesso a ele têm significativa inclinação das avenidas Rogério Weber e Presidente Dutra, as quais a comunidade surda utiliza como referência para justificar o sinal atribuído a ele; outros pontos que lhe fazem referência são a Casa de Cultura Ivan Marrocos e o Espaço Esportivo do Deroche.

Imagens 8, 9 - Configurações do nome do bairro Caiari (1)

O segundo sinal convencionado pela comunidade surda sem nenhuma relação visual com o lugar é representado na imagem 10 (2). Esse sinal é especificamente atribuído à Casa de Cultura Ivan Marrocos, pois os surdos em suas comunicações referenciam a Casa de Cultura ao bairro Caiari, pois o nome específico do bairro não é muito difundido dentro da comunidade. Ao mesmo tempo, sinalizar as três caixas d'água faz referência também ao bairro, o que pode ser exemplificado no caso da Casa de Cultura localizada na Avenida Carlos Gomes, utilizando a configuração de mãos "C" e "G".

Outra configuração de sinal convencionado pela comunidade surda de Porto Velho para o nome do bairro Caiari é o representado na Imagem 11 (3).

Esse sinal foi atribuído fazendo referência a uma antiga casa noturna localizada na esquina das avenidas Pinheiro Machado e Presidente Dutra com o nome de Corsário, a qual utilizava uma imagem em tamanho grande de um “pirata”, dado o motivo de usarmos o sinal de pirata. Sempre que se refere a algo naquele setor, a comunidade surda utiliza-se do sinal visual ao invés de aludir ao nome do bairro.

Imagens 10, 11 - Configurações dos nomes do bairro Caiari (2)

Passamos a analisar agora o nome do bairro Caladinho. Identificamos que o nome recebido pela localidade homenageia o ribeirão Caladinho que, por sua vez, tem em sua denominação em referência ao primeiro nome da cidade (Calado). Segundo dados registrados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua extensão estão situados dois aglomerados subnormais, que são o Alto Caladinho e o Pedreira. Do ponto de vista histórico, o bairro foi criado em 1960, depois que a área foi loteada pelo seu antigo proprietário José Maria Rolim.

Por seu lado, os topônimos Caladinho de Baixo, Caladinho do Meio e Caladinho de Cima também são utilizados para se referir à região que inclui o Caladinho e os bairros próximos. O bairro Universitário, por exemplo, é por vezes

chamado de Caladinho do Meio, o Aparecida do Norte, de Caladinho de Baixo e a região dos bairros Barbosa e Pedreira é conhecida como Caladinho de Cima.

A configuração do nome do bairro em Libras possui sinal arbitrário com a representação do seu nome demonstrado na imagem 12. O sinal em Libras apresenta uma relação com a cultura e identidade surda que pode ser considerado icônico se levarmos em consideração a língua portuguesa. Isto porque a comunidade surda de Porto Velho passou a utilizar esse sinal ao referenciar o nome do bairro com o ribeirão Calado, mesmo sabendo que esse sinal em outro contexto não é um bairro, trata-se, apenas, da palavra ‘calado’.

Imagem 12 - Configuração do nome do bairro Caladinho (1)

Por outro lado, o bairro ganhou o seu nome com a configuração de mãos de sinais compostos com representação icônica (imagens 13 e 14) que representa o eixo da Avenida Tancredo Neves, que lhe dá acesso. Esse sinal foi validado pela comunidade surda. É um sinal que traz a representação da esquina das avenidas Tancredo Neves e Jatuarana até a Escola Tancredo Neves, que é uma das principais ruas locais que a comunidade surda sinaliza para representar

o nome do Caladinho. Trata-se de utilizar a configuração do sinal de “calado” contextualizando com os pontos de referência de avenidas do bairro.

A análise se propõe a compreender a formação dos nomes considerando o olhar da comunidade surda de Porto Velho que na maioria das vezes associa o nome do bairro com a representação iconográfica de artefatos culturais ali presentes.

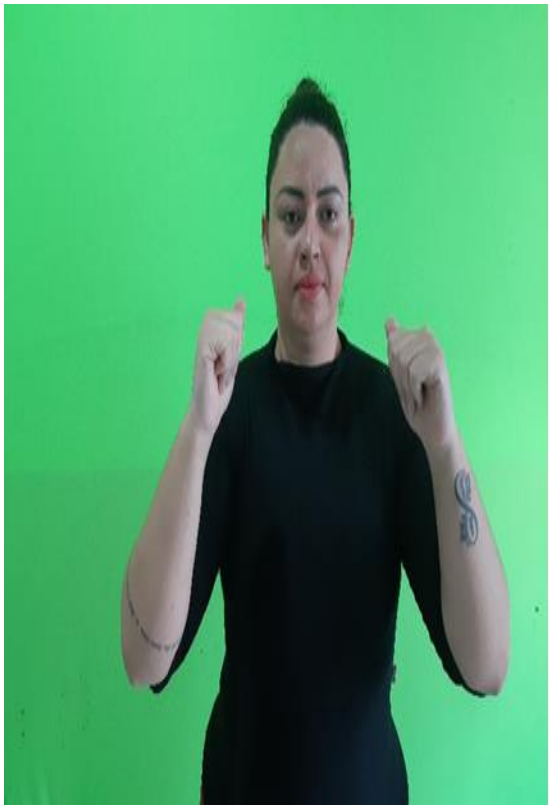
Imagens 13 e 14 - Configurações do nome do bairro Caladinho (2)

A região do Centro de Porto Velho também tem suas configurações de sinais em Libras conforme elas são compreendidas pela comunidade surda. Em nossa pesquisa encontramos três configurações de sinais em Libras. O primeiro desses que identificamos (imagem 15) trata-se de um sinal (1) fazendo referência a um ponto principal. Esse sinal, no caso, somente utilizamos para o caso de representar um bairro principal; é chamado de “Localização” ou “Maps”.

A segunda configuração de sinal em Libras para o bairro Centro tem a representação de um lugar que ocupa centralidade com relação a outros lugares (imagem 16 - 2). A utilização dessa configuração é atribuída a algo que esteja

centralizado ou em melhor posicionamento e, em alguns momentos, nos induz a pensar, no contexto, que também pode ser atribuído à região central da cidade.

Imagens 15 (1) e 16 (2) - Configuração do nome do bairro Centro



Imagens 17 e 18 (3) - Configuração do nome do bairro Centro

A terceira configuração de sinal que identificamos é o representado nas imagens 17 e 18; trata-se de um sinal icônico composto representando uma área de pessoas em movimento indo e vindo. Essa é a configuração do sinal do Centro de Porto Velho convencionado pela comunidade surda. Entre os três sinais existentes, esse é o mais utilizado e com menor índice de objeções por toda a comunidade local. Portanto, trata-se do sinal validado pela comunidade surda.

Na seguência passamos analisar o Bairro Tancredo Neves. É um dos 103 bairros pertencentes à cidade de Porto Velho, com aproximadamente 150 estabelecimentos comerciais distribuídos entre vários segmentos da cadeia do comércio, serviço, indústria, dentre outros. O nome do bairro é uma homenagem ao ex-presidente Tancredo de Almeida Neves, falecido em 1985 e que ficou ainda mais conhecido por ter sido o primeiro civil eleito à Presidência da República depois de 21 anos de ditadura militar. Chegou à Presidência na eleição do Colégio Eleitoral de 1985, a última para a Presidência que ocorrera de maneira indireta. A candidatura foi um sucesso e Tancredo venceu com 480 votos contra 180 de Paulo Maluf. Assim, foi eleito o primeiro civil para assumir a Presidência desde que Jânio Quadro tinha sido eleito em 1960.

No mapeamento dos sinais dos nomes dos bairros de Porto Velho, identificamos que a comunidade surda utiliza dois sinais. O primeiro trata-se de um sinal icônico que representa visualmente os postes de iluminação elétrica do bairro (imagem 19). Esse sinal foi validado pela comunidade surda da cidade, porque visualmente o bairro é composto por diversos postes de iluminação elétrica que se tornaram a maior representação iconográfica da representação visual para a cultura e identidade dos surdos.

O segundo sinal identificado em Libras apresenta uma configuração que caracteriza um empréstimo linguístico da língua portuguesa. O sinal é configurado com a letra de “T” de “Tancredo Neves” (imagem 20). Identificamos que o uso da letra T foi atribuído ao nome do bairro porque no passado os surdos não memorizavam o nome completo do bairro dada a dificuldade linguística que tinham com Libras. Por conta disso, adotaram o empréstimo das letras do alfabeto para fazer referência ao bairro; tomando-se por base esses fatos, até hoje se utilizam as configurações “T” e “N” para o nome do bairro.

Imagem 19 (1) e 20 (2) - Configuração do nome do bairro Tancredo Neves

Outro importante e histórico bairro de Porto Velho é o Triângulo. Nos estudos realizados identificamos que o Triângulo recebeu esse nome porque se localiza nas margens do rio Madeira, onde formou uma pequena comunidade no período em que foi construída a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Como o bairro se localiza num local onde o trem entrava em um triângulo para virar a locomotiva e conseguir retomar o trajeto, este acabou se tornando o nome do bairro.

Identificamos outra narrativa apresentada pelos moradores que revela que o maior símbolo do bairro surgiu na década de 50 do século XX por meio de uma quadrilha junina com o nome *Flor do Maracujá*, organizada pelo ferroviário Joventino Ferreira Filho. Na atualidade o cenário folclórico de Porto Velho é marcado pelos festivais de quadrilha juninas que têm a participação da *Flor do Maracujá*, tornando-se uma das primeiras quadrilhas de que se tem notícia na cidade.

No mapeamento do nome do bairro em configurações de Libras, encontramos dois sinais. O primeiro sinal tem uma representação icônica com empréstimo linguístico, a letra T e mais a imagem visual das ladeiras inclinadas.

Esse sinal foi validado pela comunidade surda porque a geografia do bairro tem várias ladeiras com inclinações acentuadas.

Imagens 21, 22, 23 - Configuração do nome do bairro Triângulo (1)

Essa configuração o nome do bairro Triângulo trata-se de um sinal arbitrário do ponto de vista da cultura e identidade surda. Porém, pode ser considerado icônico se tomarmos a língua portuguesa como referência com a utilização da letra T. Existem casos em que a língua de sinais faz o empréstimo de letras de uma língua oral, e o faz através da soletração manual da palavra. Em Libras, a partir de vários processos de incorporação, os empréstimos linguísticos da língua portuguesa geralmente ocorrem com o uso da primeira letra da palavra escrita em português. Nesse caso, o empréstimo linguístico ocorre com a incorporação ao léxico do alfabeto da língua portuguesa da letra T como a primeira para o nome do bairro Triângulo.

A segunda configuração de sinal para o bairro Triângulo foi identificado com as mãos em formato de cemitério (imagem 23), isto porque ali existe o cemitério Santo Antônio, um dos mais antigos e o maior em atividade no Estado de Rondônia. Construído em 1975 na margem leste do rio Madeira e a 450 metros da Capela de Santo Antônio, o cemitério abriga os jazigos de personagens ilustres de Porto Velho como o do jornalista Euro Tourinho,

proprietário do extinto jornal *Alto Madeira* e de seu irmão Luiz Tourinho, jornalista, advogado e ex-presidente da Federação do Comércio de Rondônia. São pioneiros que ajudaram a construir a identidade cultural da cidade.

Imagem 24 - Configuração do nome do bairro Triângulo (2)

O próximo no qual mapeamos a configuração do sinal em Libras foi o bairro Areal. Ele surgiu na década de 50, a partir de um grande areal de onde era extraída areia para construções que hoje integram o Patrimônio Histórico da cidade, como o Hotel Porto Velho, o Mercado Municipal, o Prédio do Relógio e Palácio Getúlio Vargas. A partir desse areal e da sua proximidade em relação ao centro da capital, muitos populares começaram a ocupar a região, consolidando-o no final da década de 50.

No bairro, um dos patrimônios históricos mais importantes é o prédio da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Ela é considerada a segunda igreja de Porto Velho construída por padres italianos da Ordem dos Jesuítas. Outro relevante patrimônio histórico do bairro é o 5° Batalhão de Engenharia e Construção do Exército brasileiro.

Para o nome do bairro identificamos a configuração de dois sinais. O primeiro faz referência às barracas da feira que acontece toda semana aos domingos. A feira se organiza numa localidade na qual todos os anos se observa a ocorrência de enchentes do rio Madeira. As enchentes são provocadas pela cheia que aumenta os volumes de água do igarapé Santa Bárbara que atinge os bairros Mocambo e Areal, na região central de Porto Velho. Por conta disso, a configuração do sinal em Libras traz uma representação de iconicidade (imagens 24 e 25) com representação das barracas da feira e as enchentes.

Imagem 25, 26 - Configuração do nome do bairro Areal (1)

A outra configuração identificada para o nome do bairro Areal é a de um sinal realizado mediante empréstimo linguístico das letras A e L. A comunidade surda mais antiga se utiliza desse empréstimo para referenciar o bairro dada a criação do espaço visual em atribuição aos surdos que lá residiam no passado. Os empréstimos da língua portuguesa apontam que do ponto vista sociolinguístico a Libras dialoga com outras línguas, relacionando-se no campo morfológico e icônico, estruturas essas compactadas no espaço fonético, incluindo principalmente os domínios semióticos de configuração dos sinais.

Imagens 27, 28 - Configurações do nome do bairro Areal (2)

### 4.5 Validação dos sinais

Na identificação das configurações dos sinais dos nomes dos bairros de Porto Velho, nota-se que a presença de iconicidade e arbitrariedade mostrando características das representações dos nomes dos bairros por ícones nos quais há imagens ou letras que revelam a presença da cultura e identidade da comunidade surda local.

Em alguns nomes de bairro identificamos os empréstimos lexicais da Libras para a configuração de sinais utilizando o alfabeto manual, com representação das configurações de mão para nome de bairro que reproduzem o alfabeto da língua portuguesa, constituindo assim a estrutura da datilologia, também reconhecida como soletração digital. A utilização desse recurso estrutural na Língua Brasileira de Sinais se faz necessária para a soletração de nomes do bairro que apresenta sinais compostos que explicam o sentido de uma determinada palavra.

Por ser a LBS uma língua de modalidade visuoespacial, a iconicidade está presente em grande parte dos sinais da Libras, pois a relação entre a “forma” e o “sentido” é, nas configurações dos sinais, bastante visível. Todavia, Teixeira

(2021) nos alerta “que apesar de a iconicidade estar mais presente na língua de sinais, não podemos considerar essa uma característica exclusiva das línguas visuoespaciais, pois nas línguas orais auditivas ela também está presente”.

Por outro lado, Teixeira (2021) observa que a ideia de arbitrariedade da língua se relaciona com a ideia de convenção. Ele nos mostra que enquanto a palavra “cadeira” é icônica na língua de sinais, na língua portuguesa ela é arbitrária, pois só recebe esse nome devido a uma convenção que estabelece esse conceito sem nenhuma relação entre o som da palavra e o objeto.

Nesse sentido, podemos reconhecer que os nomes que apresentam sinais arbitrários não têm seus constituintes influenciados por representações imagéticas relacionadas ao espaço geográfico do bairro. Isso nos mostra que mesmo a Libras sendo uma língua de forte motivação icônica. Alguns dos seus sinais têm configurações arbitrárias sem nenhuma relação iconográfica, mas isso registra uma característica da cultura e identidade da comunidade surda de Porto Velho na validação de nomes de bairros da cidade.

Teixeira (2021) corrobora nossas reflexões ao revelar que ao discutirmos a cultura e identidade da comunidade surda presente nos nomes dos bairros de Porto Velho ajudamos a justificar o status linguístico da Libras e a desconstruir preconceitos em relação à língua de sinais.

> Apesar de inúmeras lutas e séculos de opressão, podemos observar progressos significativos no que diz respeito à comunidade surda, como a oficialização da Libras, o direito do surdo de ter um intérprete nas instituições educacionais, a obrigatoriedade da inclusão do ensino de Libras nas áreas de licenciatura no ensino superior para surdos etc. No entanto, para que a Libras seja realmente reconhecida como língua, é necessário, além da implementação de políticas públicas, estudos que descrevam suas singularidades e que desconstruam estereótipos equivocados. [...] Eliminar o preconceito e reducionismos da sociedade é um caminho difícil, mas mudar a perspectiva e o olhar que temos em relação à comunidade surda é um fator fundamental para que haja a real inclusão. Além disso, são necessárias modificações de modo que as especificidades da comunidade surda sejam atendidas e, principalmente, sua singularidade linguística respeitada. É preciso que seja desenvolvida uma visão crítica em relação ao contexto social atual, direcionando o olhar para os surdos e criando a consciência de que essa comunidade é composta por integrantes ativos em nossa sociedade (TEIXEIRA, 2021, p. 6).

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou revelar a configuração de sinais relacionados à iconicidade e arbitrariedade em Libras. A partir da análise dos nomes dos bairros, além da descrição da configuração dos sinais em Língua Brasileira de Sinais, buscou-se refletir questões relacionadas à cultura e identidade dos surdos de Porto Velho.

Para a validação dos sinais-termos, buscou-se explorar os elementos histórico-culturais dos nomes dos bairros desenvolvidos pelos surdos em relação com o mundo ouvinte na percepção de sua identidade e diferença cultural com o mundo ouvinte. Parte-se da premissa de que a percepção visual do espaço histórico-cultural vivido se faz representar pela linguagem, por meio de conceitos; já o ambiente, os contextos e experiências visuais reportam aos surdos uma compreensão relativa a determinado espaço físico e não a outro. Assim, para a validação dos sinais-termos é necessário que haja a manifestação deles nas práticas de linguagem da comunidade surda local.

Esse processo de validação se deu no âmbito do grupo de estudo criado pelas associações ASPVH e APPIS, grupo denominado Glossário de Bairros de Porto Velho em Libras, no qual, inicialmente, digitavam-se os nomes em português, depois falavam um pouco da história do bairro e dos surdos que nele residiam enumeravam algumas de suas características. Em seguida, passava se à criação do sinal para esse bairro; normalmente criavam dois ou três sinais e eram colocados para escolha através de votação, ganhando o mais votado entre surdos e intérpretes. Dessa forma, foram criados mais de 60 sinais-termos dos bairros de Porto Velho.

Em relação às variações de configuração de sinais para os nomes dos bairros, Martins e Stumpf (2016, p. 51) revelam que essas ocorrências se dão devido às variações presentes na língua conforme os contextos culturais em que vivem os sujeitos surdos. Elas comentam que isso ocorre pelo motivo da variação linguística e porque os surdos utilizam sinais distintos conforme o ambiente cultural em que vivem. Como em qualquer língua, se o português tem variações linguísticas, a Língua Brasileira de Sinais também as tem.

Como a Libras é uma língua viva, assim como outras e a comunidade surda sempre utiliza os sinais-termos configurados de formas diferentes, de acordo com Martins e Stumpf (2016, p. 53), é importante mapear os sinais-

termos e divulgá-los para que a comunidade surda possa compreender suas variações nos processos de comunicação e expressão.

Por outro lado, Dias (2017) nos mostra que o reconhecimento desses sinais-termos pode ocorrer a partir da codificação da identidade, localização, em qual contexto social o texto, a fala e a sinalização estão sendo utilizados. A zona de contato é entendida na particularidade sociocultural. No caso do sujeito surdo, a sinalização não é apenas suporte para a comunicação, mas, sim, para a realização dos processos de comunicação e expressão.

Nesse sentido, reconhecemos que a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes, sendo esse seu principal território cultural de contato, além da percepção de sua cultura e identidade em relação aos outros surdos e de sua diferença no tocante a familiares, amigos e professores ouvintes. Com a compreensão dessa realidade, pudemos registrar duas categorias de sinais-termos: arbitrários e icônicos.

Os sinais icônicos trazem representações de imagens visuais das experiências culturais e históricas que os surdos atribuem aos lugares, como é o caso do sinal do bairro Areal, no qual são presentificadas as constantes enchentes do rio inundando as barracas da feira livre. Portanto, essas imagens são referentes não apenas ao local, mas à experiência, sendo incorporadas na configuração do nome do bairro.

Por outro lado, nota-se que os sinais arbitrários não têm relação com o artefato visual dos povos surdos, como é o caso do sinal-termo para o bairro 4 de Janeiro, um sinal realizado através da configuração de mão em 4 e da letra J. Então, há uma estratégia cultural da comunidade surda de Porto Velho na utilização da Língua Brasileira de Sinais como prática social. Nessa mesma direção, temos um sinal arbitrário que se realiza mediante empréstimo linguístico das iniciais da linha de ônibus Norte-Sul que circulava no bairro.

Temos outros elementos de proposta de análise promissores para o futuro de sinais-termos diferentes (icônicos e arbitrários) na representação de um mesmo bairro. Esse é o caso do Areal, por exemplo, que apresenta duas sinalizações relativas a situações histórico-culturais diferenciadas, as quais infelizmente não podemos dar conta nesta pesquisa de mestrado, mas que podem ser retomadas em outro momento, na direção de aprofundar os elementos de translinguagem presentes na formação desses sinais-termos.

A propósito, Faria (2003) comenta que por muito tempo foi necessário o afastamento do conceito de iconicidade das línguas de sinais. Isso ocorreu para as línguas de sinais obterem status linguístico igual aos das línguas orais. Assim, ela salienta o motivo de o conceito icônico representar o semelhante, aquilo que é próximo do que quer demonstrar, e isso levou a Libras a buscar se distanciar dos conceitos icônicos. Entretanto, a autora comenta que entre um elemento significativo de uma língua e a sua denotação é necessário haver independência em relação a qualquer semelhança física entre elas.

Nesses pressupostos, segundo Faria (2003, p. 65), “ao mesmo tempo, gestos e pantomimas são considerados partes substanciais das LS, fato que criou uma série de confusões entre iconicidade e metáfora”. Assim, ao descrever as pantomimas, a autora nos mostra que, a expressão corporal, ou seja, a imitação *[que é o caso da pantomima]* pode gerar confusão em relação a metáfora e iconicidade.

Dado esse fato, percebemos que a iconicidade pode ser relacionada com o contexto metafórico, porque ela representa a forma de algo. Por exemplo: a foto é icônica porque representa a pessoa, ou seja, baseado nos pressupostos teóricos de Faria (2003), pode-se dizer que há uma correlação entre forma e função no conceito de iconicidade.

Já em relação à metáfora, é notável que haja uma semelhança com o icônico, dessa forma, metaforicamente falando, um termo é usado para se referir a outro. Por exemplo: “você tem uma vontade de ferro para estudar”, ou seja, tem uma vontade forte, já que forte está metaforicamente ligado ao termo ‘ferro’.

Analisando de forma geral, a autora demonstra que gestos e pantomimas podem de fato gerar confusões entre metáfora e iconicidade, porque os dois conceitos se estruturam em representar algo a partir de uma forma que é semelhante àquilo que se quer representar.

Assim, observa-se que, nas configurações dos sinais dos nomes de bairros de Porto Velho, temos a presença de sinais icônicos e arbitrários reveladores de um movimento de mesclagem intercultural, para consolidação das relações não só de comunicação como também de manutenção das intersubjetividades de sujeitos em contato. Essas, em suas manifestações linguísticas, expressam tal situação histórico-cultural da comunidade surda de Porto Velho.

Carvalho (2021) assegura que “conhecer uma cultura é como conhecer uma língua e descrever uma cultura é como descrever uma língua”. Assim, reconhecemos ser possível identificar a cultura do outro a partir de uma língua. Nesse sentido, a comunicação é essencial nas práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos surdos. A se levar em consideração o quanto os processos de interação humana contribuem para partilharmos informações ocorridas de forma simultânea através do diálogo, consequentemente:

> Vale notar que (...) a língua é entendida na sua relação com as práticas discursivas que formam a cultura e que essas práticas, por sua vez, se dão através da interação entre indivíduos e grupos. A interação, mediada pela linguagem, seria, segundo Tomasello (1999), o centro da cognição humana (CARVALHO [s.d], p. 4).

Para Carvalho (2021), portanto, as construções abstratas são fundamentais para a formação da criatividade linguística. Essas construções devem, pois, ser elaboradas de forma individual, da mesma forma em que é feita a distinção na qual se faz a escuta dos usuários mais aprofundados da língua. Tal perspectiva nos mostra que a interação entre as construções linguísticas abstratas e as palavras individuais concretas cria possibilidades para a construção de elementos linguísticos que promovem a diversidade.

Dessa maneira, podemos reconhecer a presença da configuração de sinais dos nomes dos bairros, as representações de iconicidade arbitrariamente revelam elementos da cultura e identidade da língua de sinais, apresentando características de conceitos que precisam ser separados para haver um entendimento maior do que cada um representa na configuração do sinal.

O sinal de “icônico ou arbitrário” pode ser compreendido conforme o contexto social em que se está utilizando a língua de sinais. A articulação do sinal, bem como a sua movimentação, pode ser icônica ou arbitrária, mas sempre revela a diversidade cultural presente na língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua de sinais em Porto Velho precisa ter seu registro inscrito no âmbito acadêmico, no sentido de fortalecer a identidade dos surdos enquanto pesquisadores de sua própria língua e cultura. O registro dos sinais relativos aos bairros certamente contribuirá para a ampliação do acervo visual desses sinais, os quais se revestem de importância especial em virtude do auxílio na localização tanto das moradias quanto do trânsito entre esses bairros e o centro da cidade, contribuindo potencialmente com o trabalho dos intérpretes e dos professores.

Os objetivos desta pesquisa *[almeja-se que]* foram alcançados no sentido de fazer o mapeamento dos sinais-termos dos bairros de Porto Velho. Também acreditamos ter conseguido comprovar a presença de sinais icônicos e arbitrários nesse mapeamento, juntamente com as implicações teórico-metodológicas que já extrapolam o objeto de estudo no mestrado. E, isto, também devido ao tempo e à reconfiguração necessários para a empreitada, no sentido de estabelecer e aprofundar outras abordagens nesse campo para a análise dos dados produzidos.

A metodologia dos estudos pós-críticos nos possibilitou fazer a pesquisa contribuindo para a consolidação dos estudos em Terminologia das línguas de sinais em Rondônia, lugar ainda carente de outras pesquisas e registros. Os estudos pós-críticos também asseguram existir em uma dada pesquisa a sua dimensão de inacabamento, de um diálogo que não se esgota, mas que merece ser retomado.

Nesse sentido, tal estudo aponta para futuras análises em potencial de como as teorias da translinguagem podem contribuir para múltiplas análises das relações entre sujeitos cultural e linguisticamente diferentes, além de perceber como esses estabelecem negociações interculturais para estruturar suas representações de mundo.

Os registros produzidos, portanto, são legítimas expressões da cultura e identidade da comunidade surda de Porto Velho.

A se considerar que a validação dos sinais ocorre através de diálogos interculturais com um grupo de surdos de diferentes regiões da cidade, isso constitui, assim, uma tessitura de diálogos interculturais para a configuração dos

nomes de bairros. Dessa forma, a pesquisa não registrou apenas os sinais existentes, mas também promoveu diversas reflexões que revelam a diversidade cultural da Língua Brasileira de Sinais utilizada pelos membros da comunidade surda de Porto Velho.

## REFERÊNCIAS


BIEMBENGUT, Maria Salett. **Mapeamento na pesquisa educacional**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.

CALVET, L-J. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola, 2007.

CARVALHO, N. Sérgio. **Metáfora e Cultura Uma Abordagem Sociocognitivista.** UERJA-UNESA. Acesso em 10/10/2021 Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/39/09.pdf.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Pensamento**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

DIAS, Nelson. **Os sentidos construídos pelos estudantes surdos em práticas translingues no Facebook**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2017.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de Renée Eve Levié. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FARIA, Sandra Patrícia. **A Metáfora na LSB e a Construção dos Sentidos no Desenvolvimento da Competência Comunicativa de Alunos Surdos**. Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. 2ª ed. atualizada. Curitiba: Ibpex, 2011.

FISCHER, Susan. **Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child**. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l., s.n.]. 1973.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes. Pesquisa em Aquisição da Linguagem. In: AGUIAR, Vera Teixeira; PEREIRA, Vera Wannmacher (org.). **Pesquisa em Letras** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que Língua é Essa?** Crenças e Preconceitos em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda. [Prefácio de Pedro M. Garcez]. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, João Carlos & VILHAVA, Shirley. Capítulo I As Epistemologias das Línguas de Sinais Indígenas. In: **Epistemologias dos estudos surdos: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural**. João Carlos Gomes (org.). (Coleção Registros de Estudos e Pesquisas das Línguas de Sinais Indígenas no Brasil – v. 1). Curitiba: CRV, 2020. 476p.

HOFFMEISTER, Robert James. **The Development Pronoums Locatives and Personal Pronoums in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents** . Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Leodenir Becker. **Fonética e fonologia**. Apostila do curso de Letras - Libras licenciatura e bacharelado. Florianópolis: UFSC, [s/d]. Disponível em: <http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia>. Acesso em: 26/10/2016.

KARNOPP, Leodenir Becker, KLEIN, Madalena e LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Cultura Surda na Contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas, RS: Ed. Ulbra, 2011.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística**: pressupostos e tarefas. P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Acesso em 10/03/2018. Disponível em:<www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp>.

MACHADO, Paulo Cesar. **A perspectiva da educação intercultural para a abordagem bilíngue**: A surdez em questão. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (Cefet-SC) - Unidade de São José. Doutorando em Educação UFSC. In**: Revista Linhas** - Florianópolis, v. 10, nº 01, p. 208-218, jan./jun., 2009.

MARTINS, Francielle Cantarelli & STUMPF, Marianne Rossi. **Coleta e registro de sinais-termos psicológicos para Glossário de Libras.** Revista Leitura - v. 1, nº 57 – jan./jun. 2016.

PERLIN, Gladis. CAPÍTULO VII: A CULTURA SURDA E OS INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS (ILS). IN: **Epistemologias dos estudos surdos: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural** / João Carlos Gomes (org.). (Coleção Registros de Estudos e Pesquisas das Línguas de Sinais Indígenas no Brasil – v. 1). Curitiba: CRV, 2020. 476p.

PETITO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. In Cognition. Elsevier Science Publisher B.V. - v. 27, 1987.

PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos; TUXI, Patrícia. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Sinal-Termo, Língua de Sinais e Glossário Bilíngue: Atuação da Universidade de Brasília nas Pesquisas Terminológicas.** Uberlândia, 2015.

QUADROS, R. M; **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1996.

QUADROS, Ronice M.; SCHMIEDT. Magali L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS. Patrícia Tuxi dos. **A Terminologia na Língua Brasileira de Sinais: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Brasília, 2017.

SILVA. Tomas Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SKLIAR, Carlos. Perspectivas Políticas e Pedagógicas da Educação Bilíngue para Surdos. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **Educação Especial**: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

STOKOE, William. **Estrutura de Linguagem de Sinais**: um Esboço dos Sistemas de Comunicação Visual dos Surdos Americanos. in: Journal of Deaf Studies and Suraf Education. V. 10, nº 1. New York: Oxford University Press, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 4ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

_____. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 4ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. **Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa**. Cadernos de Tradução - v. 2, nº 26. jul.-dez., 2010.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes. **A iconicidade e arbitrariedade na Libras.** Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Acesso em 18/10/2021, em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20Libras%20-%20VANESSA.pdf.

TUXI DOS SANTOS, Patrícia. **A Terminologia na Língua Brasileira de Sinais: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue.** Universidade de Brasília UNB Instituto de Letras (IL), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Brasília, 2017.

VILHALVA, Shirley**. Índios surdos: mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul.** Petrópolis, RJ, Ed. Arara Azul, 2012.